

Deus Conosco

*Sermões Natalinos pregados
por Charles Spurgeon*

Vol.1



Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado



DEUS CONOSCO

CHARLES HADDON SPURGEON

DEUS CONOSCO

*Sermões natalinos pregados por
Charles Spurgeon*

Vol.1



Deus Conosco
Sermões Natalinos pregados por Charles Spurgeon.
VOLUME 1

Sermões traduzidos com autorização de Allan Román Valdes de
<http://www.spurgeon.com.mx/>

*

Tradução:
Armando Marcos Pinto
Isabele Carolina Cremones
Ronsangela Cruz

Revisão e diagramação:
Armando Marcos Pinto

Citações Bíblicas: Bíblia Online <http://www.bibliaonline.com.br/>

*

1º edição: 2011

Sermões traduzidos com direitos reservados e de domínio público
TODOS os direitos reservados. Permitida a reprodução desse material de forma gratuita,
sem modificações, citando o 'Projeto Spurgeon – Proclamando a Cristo Crucificado'

INDICE

A Encarnação e o Nascimento de Cristo8
O Nascimento, Alimento e Nome de Jesus22
O Grande Aniversário e Nossa Maioridade27
O Cantico de Maria52
A Alegria Nascida em Belém69

A Encarnação e o Nascimento de Cristo

Nº 57

Pregado na manhã de domingo, 23 de Dezembro, 1855,

Por Charles Haddon Spurgeon,

Em New Park Street Chapel, Southark – Londres.

"E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade." Miquéias 5:2

Essa é a época do ano quando, querendo ou não, estamos obrigados a pensar no nascimento de Cristo. Considero que é uma das coisas mais absurdas debaixo do céu pensar que existe religião quando se guarda o dia de Natal. Não há nenhuma probabilidade de que nosso Salvador Jesus Cristo tenha nascido nesse dia, e a observância dele é puramente de origem papal - sem dúvida os que são católicos tem o direito de reivindicar-lo - mas não posso entender como os protestantes consistentes podem ter-lo de alguma maneira como sagrado. No entanto, eu desejaria que houvesse dez ou doze dias de Natal ao ano – porque há suficiente trabalho no mundo e um pouco mais de descanso não faria mal ao povo trabalhador.

O dia de Natal é realmente uma benção para nós, particularmente porque nos congrega em redor da lareira de nossas casas e nos reunimos uma vez mais com nossos amigos. No entanto, ainda que não seguimos os passos de outras pessoas, não vejo dano algum em pensarmos na encarnação e no nascimento do Senhor Jesus. Não queremos ser classificados entre aqueles que:

"Colocam mais cuidado em guardar o dia de festa

De maneira incorreta

Que o cuidado que outros têm

para guardar-lo de maneira correta"

Os antigos puritanos faziam ostentação do trabalho no dia de Natal, só para mostrar que protestavam contra a observação desse dia. Mas nós cremos que protestavam tão radicalmente, que desejamos como descendentes seus aproveitar o bem accidental conferido há esse dia, e deixar que os supersticiosos sigam com suas superstições.

Vou de imediato ao ponto que tenho que comentar-lhes. Vemos, em primeiro lugar, quem foi o que enviou Cristo. Deus o Pai fala aqui, e diz: *"de ti me sairá o que governará em Israel."* Em segundo lugar, *de onde veio no momento de Sua encarnação?* Em terceiro lugar, *para que veio?* *"Para governar em Israel"*. Em quarto lugar, *já tinha vindo antes?* Sim, já o tinha feito. *"cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."*

I. Então, em primeiro lugar, QUEM ENVIOU CRISTO? A resposta nos é dada pelas próprias palavras do texto: *"De ti"*, diz o Senhor, falando pela boca de Miquéias, *"de ti me sairá."* É um doce pensamento que Jesus Cristo não veio sem a permissão, autoridade, consentimento e ajuda de seu Pai. Foi enviado pelo Pai para ser o Salvador dos homens. Ai! Estamos inclinados a esquecer que, se é certo que existe distinções enquanto às Pessoas da Trindade, não existe distinção no que toca a honra – e frequentemente atribuímos a honra de nossa salvação, ou pelo menos as profundidades de Sua misericórdia e o extremo de Sua benevolência, muito mais a Jesus Cristo do que ao Pai. Esse é um grande erro. Jesus veio? Por acaso o Pai não foi quem o enviou? E se foi convertido em um bebê, acaso não foi o Espírito Santo que o gerou? Se falou maravilhosamente, não teria sido o Pai que derramou graça em Seus lábios, para que fosse um capacitado ministro do novo pacto?

Se Seu Pai o abandonou quando tomou a amarga copa de fel, acaso não o amava? E depois de três dias, não Lhe levantou dos mortos e O recebeu no alto, levando cativo o cativo? Ah, amados irmãos, quem conhece ao Pai, o Filho, e o Espírito Santo como deveria conhecer-lhes, nunca coloca Um em detrimento do Outro – não está mais agradecido a Um do que com Outro – Vê a Eles todos em Belém, em Getsemani e no Calvário, Todos igualmente envolvidos na obra de salvação. *"De ti me sairá."* Oh cristãos, têm colocado sua segurança unicamente Nele? E, está unido a Ele? Então, deve crer que está unido ao Deus do céu – posto que vocês são irmãos do homem Cristo Jesus, e têm uma íntima relação com Ele, então, por essa razão, estão ligados ao Deus eterno, e *"o Ancião de dias"* é Pai e amigo de vocês. *"De ti ME sairá"*

Por acaso você nunca viu a profundidade do amor que havia no coração do Senhor, quando Deus Pai preparou Seu Filho para a grandiosa empreitada de misericórdia? No céu, houve um triste dia quando Satanás caiu, e levou consigo um terço das estrelas do céu, quando o Filho de Deus, lançado de Sua grandiosa destra dos trovões onipotentes, lançou o grupo rebelde ao fosso de perdição – porem, se pudéssemos conceber uma pena no céu, deve

ter sido num dia mais triste quando o Filho do Altíssimo deixou o seio de Seu Pai, onde havia descansado desde antes de todos os mundos. "Vê", disse o Pai, *"com a benção de teu Pai sobre Tua cabeça!"* Logo vem o despojar de seus vestidos. Como os anjos se reúnem em volta, para ver ao Filho de Deus tirar suas vestes! Colocou de um lado Sua coroa - disse *"Pai, eu sou Senhor de tudo, bendito para sempre – porém, vou deixar minha coroa de lado, e serei como os homens mortais."* Despoja-se de sua brilhante veste de glória – *"Pai," diz "colocarei uma roupa de barro, da mesma que os homens usam."* Logo, se despe de todas Suas jóias com as quais era glorificado – coloca de lado Seus mantos bordados de estrelas e suas túnicas de luz, para vestir-se com a simples roupa do campesino da Galiléia. Quão solene deve ter sido esse despojar!

Em seguida, podem imaginar a separação? Os anjos servem ao Salvador ao largo das ruas, até que se aproximam das portas, quando um anjo exclama: *"Levantai, ó portas, as vossas cabeças, levantai-vos, ó entradas eternas, e sairá o Rei da Glória."* Oh! Sou do parecer que os anjos devem ter chorado quando perderam a companhia de Jesus – quando o Sol do Céu lhes arrebatou toda Sua luz. Porém, o seguiram. Desceram com Ele – e quando Seu espírito entrou na carne, e se converteu em bebê, foi servido por esse poderoso exército angelical - esses que depois de terem estado com Ele no casebre de Belém, e depois de ver-lhe descansar no peito de Sua mãe, em seu caminho de volta ao alto, apareceram para os pastores e disseram para eles que tinha nascido o Rei dos judeus. *O Pai* o enviou! Contemplem esse tema. Suas almas devem se agarrar nesse ponto, e em cada período de Sua vida pensem que Ele sofreu o que o Pai assim quis – que cada passo de Sua vida foi marcado com a aprovação do grandioso EU SOU. Cada pensamento que tenham sobre Jesus deve estar conectado com o Deus eterno, sempre bendito; pois *"Ele,"* disse o Senhor, *"ME sairá."* Então, quem o enviou? A resposta: o Pai.

II. Agora, em segundo lugar, DE ONDE VEIO? Uma palavra ou duas relativas à Belém. Foi considerado bom e adequado que nosso Salvador nascesse em Belém, e isso devido à história dessa cidade, ao nome de Belém, e a posição de Belém: pequena em Judá

I) Em primeiro lugar, considerou-se que Cristo nascesse em Belém, *devido à história de Belém.* A pequena aldeia de Belém era muito querida para todo israelita. Jerusalém podia brilhar mais que ela em esplendor, pois ali estava o Templo, a glória de toda a terra, e *"formosa província, o gozo de toda terra, é o Monte Sião"* – no entanto, em torno de Belém aconteceu um número de incidentes que a converteram para sempre em um lugar

agradável de descanso para mente de cada judeu. Até mesmo o cristão não pode deixar de amar Belém.

Creio que a primeira menção que temos de Belém é triste. Ali morreu Raquel. Se buscarmos no capítulo 35 de Gênesis, encontrarão que o versículo 16 diz:

Partiram de Betel; e havia ainda um pequeno espaço de terra para chegar a Efrata, e deu à luz Raquel, e ela teve trabalho em seu parto. E aconteceu que, tendo ela trabalho em seu parto, lhe disse a parteira: Não temas, porque também este filho terás. E aconteceu que, saindo-se-lhe a alma (porque morreu), chamou-lhe Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamim. Assim morreu Raquel, e foi sepultada no caminho de Efrata; que é Belém. E Jacó pôs uma coluna sobre a sua sepultura; esta é a coluna da sepultura de Raquel até o dia de hoje. (Genesis 35:16-20)

Esse é um incidente singular: quase profético. Não teria podido Maria ter chamando a seu próprio filho Jesus de seu Benoni? Pois ele ia ser "*o filho de minha dor.*"

Simão lhe disse: *(E uma espada traspassará também a tua própria alma); para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.* (Lucas 2:35) Mas, ainda que ela podia ter-lhe chamado Benoni, como Deus seu Pai o chamou? Benjamim, o filho de minha mão direita – Benjamim enquanto a Sua divindade. Esse pequeno incidente parece ser quase uma profecia que Benoni: Benjamim, o Senhor Jesus, devia nascer em Belém

Porem, outra mulher faz esse lugar celebre. O nome dessa mulher era Noemi. Ali em Belém, em dias posteriores, viveu essa mulher, de nome Noemi, quando talvez a pedra que o amor de Jacó por Raquel tinha levantado já estivesse coberta pelo musgo e sua inscrição talvez já borrada pelo tempo. Ela também foi uma filha de gozo, mas também foi uma filha de amargura. Noemi foi uma mulher que o Senhor tinha amado e abençoado, mas ela teve que marchar a uma terra estranha; e ela disse: "*Não me chameis Noemi; chamai-me Mara; porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso*" (Rute 1:20) No entanto, ela não estava sozinha em meio de todas suas perdas, pois agarrou-se a ela Rute, a moabita, cujo sangue gentil devia se unir com a torrente pura e sem mancha do judeu, que devia gerar ao Senhor nosso Salvador, o grandioso Rei tanto dos judeus como dos gentios.

O belíssimo livro de Rute tinha todo seu cenário em Belém. Foi em Belém que Rute saiu a recolher espigas nos campos de Boaz; foi ali que Boaz a

olhou, e lá que ela se prostrou em terra diante de seu senhor; foi ali que foi celebrado seu matrimônio, e nas ruas de Belém, Boaz e Rute receberam uma bênção que os fez frutíferos, de tal forma que Boaz converte-se no pai de Obede, e Obede pai de Jessé, e Jessé gerou a Davi. Esse último feito cinge Belém com glória: o fato de Davi ter nascido ali – o poderoso herói que matou ao gigante filisteu, que livrou aos descontentes de sua terra da tirania de seu monarca, que depois, com pleno consentimento de um povo que assim o queria, foi coroado rei de Israel e de Judá.

Belém era uma cidade real, porque reis foram gerados ali. Ainda que Belém fosse pequena, tinha muito para ser estimada – porque era como certos principados que temos na Europa, que não são celebrados por nada a não ser terem gerado consortes das famílias reais da Inglaterra. Era um direito, então, pela história, que Belém devia ser o lugar do nascimento de Cristo.

2) Mais adiante, existe algo no nome do lugar. "*Belém Efrata*." A palavra "Belém" tem um duplo significado: quer dizer "*casa de pão*," e "*casa da guerra*." Cristo não devia nascer na "*casa do pão*?" Ele é o pão de seu povo, de Quem recebe seu alimento. Como nossos pais comeram o maná no deserto, assim nós vivemos de Cristo aqui embaixo. Famintos frente ao mundo, não podemos alimentar-nos de suas sombras, pois eles são porcos; já nós precisamos de algo mais substancial, e nesse pão do céu, feito do corpo ferido de nosso Senhor Jesus, e cozido no forno de Suas agonias, encontramos um bendito alimento. Não existe alimento como Jesus para a alma desesperada ou para o mais forte dos santos. O mais humilde da família de Deus, vá a Belém por seu pão – e o homem mais forte, que come sólidos alimentos, vá a Belém por eles.

Casa do Pão! De onde poderia vir nosso alimento fora de Ti? Temos provado ao Sinai, porem em seus picos afiados não crescem frutos, e suas alturas espinhosas não produzem o trigo que possa alimentar-nos. Fomos ao próprio Tabor, onde Cristo foi transfigurado, e, no entanto, ali não fomos capazes de comer Sua carne e beber Seu sangue.

Porem, você, Belém, casa de pão, corretamente foi nomeada – pois ali se lhe deu ao homem pela primeira vez o pão da vida. E também é chamada "*a casa da guerra*;" porque Cristo é para os homens "*casa do pão*", ou do contrário, "*casa da guerra*." Enquanto Ele é alimento para o justo, faz guerra ao ímpio, segundo Sua própria palavra: "*Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada; Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a*

nora contra sua sogra; E assim os inimigos do homem serão os seus familiares." (Mateus 10:34-36)

Pecador! Se não conheces Belém como *"a casa do pão"*, então ela será para ti uma *"casa de guerra."* Se nunca bebes o doce mel dos lábios de Jesus – se não és como a abelha que sorve do delicioso e doce licor da Rosa de Saron, então, dessa mesma boca sairá uma espada de dois gumes contra ti – e essa mesma boca da qual os justos sacam seu pão, será para ti a boca da destruição e a causa de teu mal.

Jesus de Belém, casa de pão e casa de guerra, nós confiamos em que lhe conhecemos como nosso pão. Oh, que alguns que não estão em guerra Contigo possam ouvir em seus corações, assim como em seus ouvidos, o hino:

***"Paz na terra, e indulgente
Misericórdia;
Deus e os pecadores reconciliados."***

Agora, vamos nos referir a essa palavra: *"Efrata"*. Esse era o antigo nome do lugar, que os judeus conservavam e amavam. Seu significado é *"Fecundidade"* ou *"abundância"* Ah! Que adequado foi que Jesus nascera na casa da fecundidade – pois, de onde vem minha fertilidade e sua fertilidade, meu irmão, senão de Belém? Nossos pobres corações infrutíferos nunca produziram nenhum fruto, nenhuma flor, até que foram regados com o sangue do Salvador.

É a sua encarnação que enriquece o solo de nossos corações. Por toda terra havia espinhas salientes, e venenos mortais, antes que Ele viesse – porém nossa fertilidade vem Dele. *"Sou como a faia verde; de mim é achado o teu fruto."* (Oséias 14:8) *"todas as minhas fontes estão em ti."* (Salmo 87:7) Se nós somos como árvores plantadas junto às correntes de águas, dando fruto na estação própria, não é porque tenhamos sido naturalmente frutíferos, mas antes, por causa das correntes de águas juntos as quais fomos plantados.

Jesus é que nos faz fecundos. *"Quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto"* (João 15:5) Gloriosa Belém Efrata! Bem nomeada! Fértil casa de pão – a casa de abundante provisão para o povo de Deus!

3) Continuando, notemos a *posição de Belém*. É dito que é *"pequena para estar entre as famílias de Judá."* Por que é dito isso? Porque Jesus Cristo sempre vai em meio dos pequenos. Ele nasceu na pequena aldeia *"para estar entre as famílias de Judá."* Não na alta colina de Basã, nem no monte

real de Hebron, nem nos palácios de Jerusalém, mas sim na humilde, porém ilustre, aldeia de Belém.

Há uma passagem em Zacarias que nos ensina uma lição: diz que um varão que cavalgava sobre um cavalo vermelho, estava entre as murtas que estavam na baixada. (Zacarias 1:8-10) Agora, as murtas crescem nas baixadas – e o homem cavalga seu cavalo sempre trota ali. Ele não vai por cima da montanha – Ele cavalga entre os humildes de coração. *"Olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra."* (Isaías 66:2)

Há alguns pequenos entre nós hoje: *"pequena para se achar entre os milhares de Judá."* Ninguém escutou antes o nome de vocês, não é verdade? Se os enterram e escrevem seus nomes em suas tumbas, passariam despercebidos. Os que passassem ali diriam: *"esse não significa nada para mim: nunca o conheci."*

Não sabe muito de si próprio, nem possui uma grande opinião sobre você mesmo – talvez a duras penas possa ler. Ou, se têm algumas habilidades e talentos, é desprezado pelos homens – ou, se não é depreciado por eles, você se despreza a si próprio. É um dos pequenos. Bem, Cristo sempre nasce em Belém entre os pequeninos. Cristo nunca entra nos grandes corações – Cristo não habita nos grandes corações, mas nos pequeninos. Os espíritos poderosos e orgulhosos nunca têm a Jesus Cristo, pois Ele entra por portas baixas, e nunca entrará por portas altas e elevadas.

Quem tem um coração quebrantado, e um espírito humilhado, terá ao Salvador, e ninguém mais. Ele não cura nem ao príncipe nem ao rei, mas sim, mas *"ele sara aos quebrantados de coração e ata-lhes suas feridas"* (Salmo 147:3). Que doce pensamento! Ele é o Cristo dos pequeninos. *"E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel."*

Não podemos abandonar esse ponto sem outro pensamento aqui, *quão maravilhosamente misteriosa foi essa providência que trouxe a mãe de Jesus Cristo para Belém, no mesmo momento que ia dar a luz!* Seus pais moravam em Nazaré – e com que motivo teriam desejado viajar nessa hora? Naturalmente, teriam ficado em casa – não é nada provável que sua mãe teria feito uma viagem a Belém encontrando-se nessa condição especial. Porém, Augusto César promulga um edito que todo o mundo deve ser recenseado. Muito bem, então que sejam recenseados em Nazaré. Não – agradou a Ele que todos deveriam ir para Sua cidade. Mas, por que Augusto pensou nisso precisamente nesse momento em especial?

Simplesmente porque enquanto o homem pensa seu caminho, o coração do rei está nas mãos do SENHOR. (Provérbios 21:1)

Mil variáveis se relacionaram entre si, como diz o mundo, para produzir esse evento! Antes de tudo, César tem uma disputa com Herodes – certo alguém da família de Herodes foi deposto. César diz: *"Vou impor impostos à Judéia, e vou convertê-la em uma província, em vez de manter-la um reino separado."* Pois bem, tinha que se fazer assim. Mas, quando isso deve ser feito? Essa lei impositiva, se diz, começou quando Cirino era governador da Síria. Porém, por que deve ser levada a cabo nesse exato momento, suponhamos, que em Dezembro? Por que não foi feito no mês de Outubro? E, por que o povo não poderia ser recenseado no local onde residia? Não era seu dinheiro tão bom ai onde se vivia como em qualquer outro lugar? Era um capricho de César; porém era o decreto de Deus.

Oh, nós amamos a sublime doutrina da absoluta predestinação eterna. Alguns têm duvidado que seja consistente com o livre-arbítrio do homem. Bem sabemos que é assim e nunca vimos nenhuma dificuldade no assunto – cremos que os filósofos metafísicos são os que têm criado as dificuldades – nós não enxergamos nenhum problema. Corresponde-nos crer que o homem faz o que lhe bem parece, mas, no entanto, *"para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra."* (Romanos 9:17) O homem faz o que quer – mas Deus também faz com que o homem faça o que *Ele* quer. E mais, não só a vontade do homem está debaixo da absoluta predestinação do SENHOR, antes, todas as coisas, grandes ou pequenas, são Dele. Bem disse o bom poeta: *"sem dúvida, o navegar de uma nuvem tem a Providência como seu piloto; sem dúvida a raiz de um carvalho é encaroçada devido a um especial propósito, Deus rodeia todas as coisas, cobrindo o globo terrestre como o ar."* Não existe nada grande ou pequeno, que não seja Dele.

O pó do verão move-se em sua rota, guiado pela mesma mão que dispersa às estrelas pela extensão do céu – as gotas de orvalho têm seu Pai, e cobrem a pétala da rosa conforme Deus o ordena; sim, as folhas secas do bosque, quando são esparramadas pela tormenta, têm uma posição assinalada de onde devem cair, e não podem modificar ela. No que é grande e no pequeno, Deus ali está: Deus em tudo, fazendo todas as coisas de acordo ao conselho de Sua própria vontade; e ainda que o homem busque ir contra seu Criador, ele não pode tal coisa.

Deus tem colocado um limite ao mar com uma barreira de areia; e se o mar levanta uma onda trás outra, no entanto, não excederá seu limite assinalado.

Tudo é de Deus; e a Ele, que guia as estrelas e dá asas aos pardais, que governa os planetas e também move os átomos, que fala trovões e sussurra brisas, a Ele seja a glória, pois Deus está em cada coisa.

III. Isso nos leva ao terceiro ponto: PARA QUE VEIO JESUS? Ele veio para ser "*governador em Israel.*" É algo muito singular que se dissesse de Jesus Cristo que era "*nascido o rei dos judeus.*" Poucos alguma vez "*nasceram reis.*" Alguns homens nascem como príncipes, mas é coisa rara nascerem como reis. Não creio que se encontre algum caso na história onde um menino tenha nascido rei. Nasceu como Príncipe de Gales, talvez, e teve que esperar anos, até que seu pai morresse, e então fizessem do herdeiro rei, pondo uma coroa na sua cabeça, e uma crisma sagrada, e outras estranhas coisas desse tipo; mas não nasceu rei. Não recorro de ninguém que tenha nascido rei, exceto Jesus – e existe um significado enfático nesse verso que cantamos:

***"Nascido para libertar Teu povo;
Nascido menino, mas, no entanto, rei"***

No instante que veio à terra Ele era um rei. Não teve que esperar sua maioria para poder assumir Seu império – mas tão pronto como Seu olho saudou a luz do sol, era rei – desde o instante que Sua pequeninas mãos tomaram alguma coisa, tomaram um cetro; logo que seu pulso pulsou, e Seu sangue começou a fluir, seu coração bradou com batidas reais, e seu pulso pulsou com uma medida imperial, e seu sangue fluíu em uma corrente de realeza. Ele nasceu rei. Veio para "*governar em Israel.*" "*Ah!*" dirá alguém, "*então veio em vão, pois exerceu muito pouco seu governo, pois 'Veio para o que era seu, e os seus não o receberam,' (João 1:11) veio a Israel mas não foi seu Rei, antes foi mais bem 'desprezado, e o mais rejeitado entre os homens' (Isaías 53:3) rejeitado por todos eles, e abandonado por Israel, por quem veio.*"

Ai, mas "*nem todos os que são de Israel são israelitas;*" (Romanos 9:6), nem tampouco porque sejam da semente de Abraão são todos também chamados. Ah, não! Ele não é Senhor de Israel segundo a carne, antes que, é Senhor de Israel segundo o espírito. Muitos lhe obedeceram em seu caráter de Senhor. Por acaso os apóstolos não se inclinaram diante Ele, e lhe reconheceram como rei? E agora, Israel não o saúda como seu Senhor? Acaso toda a semente de Abraão segundo o espírito, todos os crentes, pois ele é o "*pai dos crentes,*" não reconhecem que a Cristo pertencem os escudos dos poderosos, pois Ele é o Rei de toda a terra? Não governa em Israel? Ai sim, Ele verdadeiramente reina; e aqueles que não são governados por Cristo não são de Israel. Ele veio para ser Senhor de Israel.

Meu irmão, já se submeteu ao governo de Jesus? É Senhor de seu coração, ou não? Podemos conhecer a Israel por isso: Cristo veio a seus corações, para ser Senhor deles. "Oh" dirá alguém, *"faço o que me dá na telha, nunca estive debaixo da servidão de ninguém."* Ah! Então você odeia ao senhorio de Cristo. "Oh", dirá outro, *"me submeto a meu ministro, a meu clérigo, a meu sacerdote, e penso que o que me diz é suficiente, pois ele é meu senhor."* É assim? Ah! Pobre escravo, não conhece sua dignidade; pois ninguém é seu senhor legal senão o Senhor Jesus Cristo. "Ai," diz outro, *"professei Sua religião, e sou Seu seguidor."* Mas, governa Ele em seu coração? Tem Ele o comando de seu coração? Ele guia seu juízo? Você busca em Sua mão o conselho quando prova dificuldades? Está deseioso de honra-Lhe, e colocar coroas sobre Sua cabeça? Ele é seu Senhor? Se for assim, então você é um dos de Israel; pois está escrito: *"governará em Israel."*

Bendito Senhor Jesus! Tu és Senhor nos corações dos que são Teu povo, e sempre o serás; não queremos outro senhor, salvo a Ti, e não nos submetemos a ninguém mais, além de Ti. Somos livres, posto que somos servos de Cristo; estamos em liberdade, já que Ele é nosso Senhor, e não conhecemos nenhuma servidão nem alguma escravidão, porque somente Jesus Cristo é o monarca de nossos corações. Ele veio para ser *"Senhor em Israel;"* e atente bem, essa Sua missão não está, todavia, terminada, e não o estará até as glórias futuras. Dentre de pouco verão Cristo vir de novo, para ser Senhor sobre Seu povo Israel, e governar sobre eles, não somente como o Israel espiritual, mas também como o Israel natural, pois os judeus serão restaurados a sua terra, e as tribos de Jacó cantarão nas naves de seu templo; a Deus serão oferecidos novamente hinos hebreus de louvor, e o coração do judeu incrédulo será derretido aos pés do verdadeiro Messias.

Em breve, Aquele que em Seu nascimento foi saudado como rei dos judeus por certos orientais, e de Quem em Sua morte um ocidental escreveu *"Rei dos Judeus"*, será chamado rei dos judeus em todas as partes; sim, Rei dos judeus e também dos gentios; nessa monarquia universal, cujo domínio se estenderá por todo o globo da Terra, e cuja duração será sem tempo. Ele veio para ser Senhor em Israel, e com toda certeza será Senhor, quando reine gloriosamente em Seu povo, com todos seus antepassados.

IV. E agora, o ultimo ponto é, JESUS CRISTO JÁ VEIO ALGUMA VEZ ANTES? Respondemos que sim, pois nosso texto diz: *"... e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."* (Miquéias 5:2)

Primeiro ponto, Cristo teve Suas saídas em Sua divindade. *"desde os dias*

da eternidade." Ele não tinha sido uma pessoa secreta e silenciosa até esse momento. Esse menino recém-nascido fez maravilhas desde muito tempo antes; esse bebê dormindo nos braços de Sua mãe, hoje é bebê, mas é o Ancião da eternidade; esse menino que está ali não fez Sua primeira aparição no cenário desse mundo; Seu nome, todavia, não tinha sido escrito no registro dos circuncidados; porem, ainda que não o saibas, as "saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."

1) Desde tempos antigos, Ele saiu como nossa cabeça do pacto na eleição, "nos elegeu nele antes da fundação do mundo" (Efésio 1:4)

***"Cristo seja Meu primeiro eleito, disse,
E logo elegeu nossas almas em Cristo
nossa Cabeça"***

2) Ele saiu por Seu povo, como seu representante diante do trono, ainda antes que esse povo fosse gerado no mundo. Foi desde a eternidade que Seus poderosos dedos tomaram a pluma, e a caneta das eras, e escreveram Seu próprio nome, o nome do eterno Filho de Deus – foi desde a eternidade que firmou o pacto com seu Pai, no qual pagaria sangue por sangue, ferida por ferida, sofrimento por sofrimento, agonia por agonia, e morte por morte, em favor de Seu povo – foi desde a eternidade que Ele se entregou a Si mesmo, sem murmurar uma palavra, que desde Sua cabeça até a planta dos Seus pés suaria sangue, que seria cuspidos, transpassado, burlado, seria partido em dois, sofreria a dor da morte, e as agonias da cruz. Suas saídas como nossa garantia foram desde a eternidade.

Faça uma pausa, alma, e assombre-se! Você teve saídas na pessoa de Jesus desde a eternidade. Não somente quando nasceu nesse mundo que Cristo lhe amou, porem, Seus deleites estavam com os filhos dos homens desde antes que houvesse filhos dos homens. Frequentemente pensava neles – de eternidade a eternidade Ele tinha posto Seu afeto neles. Como então, crente, Ele esteve envolvido em sua salvação desde muito tempo atrás, e não vai alcançar-la? Desde a eternidade Ele saiu para salvar-me, e vai me perder agora? Como? Tem-me em Sua mão, como Sua jóia preciosa, e deixará que resvale em meio de Seus preciosos dedos? Elegeu-me antes que as montanhas fossem colocadas, ou que os canais das profundezas fossem esculpados, e agora me perderá? Impossível!

***"Meu nome das palmas de Suas mãos
A eternidade não pode apagar;
Gravado em Seu coração permanece
Com marcas de graça inapagáveis"***

Estou seguro que não me amaria durante tanto tempo, para logo após deixar de fazê-lo. Se tivesse a intenção de se cansar de mim, já o teria feito há muito. Se não tivesse me amado com um amor tão profundo como o inferno e tão inexpressável como a tumba, se não tivesse dado todo Seu coração, estou seguro que já teria me abandonado há muito! Ele sabia o que eu seria, e Ele teve muito tempo para considerar isso; mas eu sou Seu eleito, e isso é definitivo. E, apesar de indigno como sou, não me é dado resmungar, se Ele está contente comigo. Porém, Ele está contente comigo: deve estar satisfeito comigo – pois Ele me conheceu o suficiente para conhecer minhas falhas. Ele me conheceu antes que eu me conhecesse - sim, Ele me conheceu antes que eu existisse. Antes que meus membros fossem formados, foram escritos em Seu livro: *"Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas estas coisas foram escritas; as quais em continuação foram formadas, quando nem ainda uma delas havia."* (Salmos 139:16) Seus olhos de afeto focaram nesses membros. Ele sabia quanto mal eu ia me portar com Ele, e no entanto tem seguido amando-me:

"Seu amor de tempos passados me impede de pensar, Que me deixará ao fim em problemas que me afoguem."

Não – já que *"suas saídas são desde o principio, desde os dias da eternidade,"* serão *"até a eternidade."*

Em segundo lugar, cremos que Cristo tem saído desde tempos remotos aos homens, de tal forma que os homens o viram. Não me deterei para dizer-lhes que foi Jesus Quem passeava no jardim do Éden, ao ar livre, pois Seus deleites estavam com os filhos dos homens – nem vou me demorar assinalando-lhes todas as diversas maneiras em que Cristo saiu em Seu povo na forma de anjo da aliança, o Cordeiro pascal, a serpente de bronze, a sarça ardente, e outros dez mil tipos com os quais a história sagrada está tão repleta – porém, prefiro mostrar-lhes quatro ocasiões específicas quando Jesus Cristo nosso Senhor apareceu na terra como um homem, antes de Sua grandiosa encarnação para nossa salvação.

E, primeiro, rogo que vamos ao capítulo 18 de Genesis, onde Jesus Cristo apareceu a Abraão, de quem lemos:

"Depois apareceu-lhe o SENHOR nos carvalhais de Manre, estando ele assentado à porta da tenda, no calor do dia. E levantou os seus olhos, e

olhou, e eis três homens em pé junto a ele. E vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro e inclinou-se à terra, E disse: Meu Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo." (Genesis 18: 1-3)

Porem, ante quem se inclinou? Disse: "*Senhor*" só a um deles. Havia um homem no meio deles mais eminente devido Sua glória, pois se tratava do Deus-homem Cristo – os outros dois eram anjos criados, que tinha assumido a aparência de homens temporariamente. Mas esse era o homem Jesus: "*E disse: Meu Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo. Que se traga já um pouco de água, e lavei os vossos pés, e recostai-vos debaixo desta árvore;*" (Genesis 18:3-4) Notaram que esse homem majestoso, essa pessoa gloriosa, se deteve para falar com Abraão? No versículo 22, é dito: "*Então viraram aqueles homens os rostos dali, e foram-se para Sodoma; mas Abraão ficou ainda em pé diante da face do SENHOR.*" Observaram que esse homem, o Senhor, manteve uma doce comunhão com Abraão, e permitiu-lhe interceder pela cidade que estava a ponto de destruir. Estava positivamente como um homem. De tal forma que quando caminhou nas ruas da Judéia, não era primeira vez que era um homem – já o tinha sido antes, "*nos carvalhais de Manre... no calor do dia.*"

Há outro exemplo – sua aparição a Jacó, que temos registrada no capítulo 32 de Genesis, no versículo 24. Toda sua família tinha partido: "*Jacó, porém, ficou só; e lutou com ele um homem, até que a alva subiu. E vendo este que não prevalecia contra ele, tocou a juntura de sua coxa, e se deslocou a juntura da coxa de Jacó, lutando com ele. E disse: Deixa-me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: Não te deixarei ir, se não me abençoares. E disse-lhe: Qual é o teu nome? E ele disse: Jacó. Então disse: Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste." (Genesis 32:24-28) Esse era um homem, e, no entanto, era Deus. "*pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste.*" E Jacó sabia que esse homem era Deus, pois disse no versículo 30: "*Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva.*"*

Encontrarão outro exemplo no livro de *Josué*. Quando Josué atravessou a baixa corrente do Jordão, e entrou na terra prometida, e estava a ponto de tirar fora os cananeus, veja só, esse poderoso homem-Deus apareceu a ele! No capítulo 5, no versículo 13, lemos: "*E sucedeu que, estando Josué perto de Jericó, levantou os seus olhos e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua; e chegou-se Josué a ele, e disse-lhe: És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? E disse ele: Não,*

mas venho agora como príncipe do exército do SENHOR." E Josué viu imediatamente que havia divindade Nele, pois "se prostrou com o seu rosto em terra e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo?". Agora, se esse tal tivesse sido um anjo criado, teria repreendido Josué, dizendo: "sou um servo como tu." Mas não – "disse o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim." (Gênesis 5:15)

Outro exemplo notável é o que está registrado no terceiro capítulo do Livro de Daniel, onde lemos a história quando Sadraque, Mesaque e Abednego são lançados no meio de um forno de fogo ardente, e como o tinham aquecido mais ainda, e como a chama do fogo matou os que a tinham acalentado. Subitamente, o rei perguntou aos de seus conselheiros: *"Não lançamos nós, dentro do fogo, três homens atados? Responderam e disseram ao rei: É verdade, ó rei. Respondeu, dizendo: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem sofrer nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante ao Filho de Deus."* (Daniel 3:24-25) Como Nabucodonosor poderia saber isso? Só porque tinha algo de tão nobre e majestoso na forma em que esse maravilhoso Homem se comportava, e uma terrível influência o circundava que maravilhosamente quebrou os dentes consumidores dessa chama devoradora e destruidora, de tal forma que nem mesmo podia chamuscar os filhos de Deus. Nabucodonosor reconheceu Sua humanidade. Não disse: *"vejo a três homens e a um anjo"*, mas sim disse: *"vejo realmente quatro homens, e a forma do quarto é como ao Filho de Deus"* Vem, então, o que significa que Suas saídas são *"desde os dias da eternidade."*

Observem aqui por um momento, que cada uma dessas quatro ocorrências sucederam as santos quando eles estavam envolvidos em deveres muito eminentes, ou quando estavam a ponto de se envolver neles. Jesus Cristo não aparece a Seus santos cada dia. Ele não veio ver Jacó até que não esteve em aflição – Ele não visitou Josué antes que estivesse a ponto de se meter em uma guerra santa. Somente em condições extraordinárias que Cristo assim e manifesta a Seu povo

Quando Abraão intercedeu por Sodoma, Jesus estava com ele, pois um dos empregos mais elevados e mais nobres de um cristão é esse da intercessão, e é quando ele está ocupado dessa maneira que terá a probabilidade de obter uma visão de Cristo. Jacó estava envolvido *em lutar*, e essa é uma parte do dever de um cristão, que alguns de vocês nunca experimentaram – conseqüentemente, vocês não tem muitas visitas de Jesus. Foi quando Josué estava *exercitando a valentia* que o Senhor se encontrou com ele. O mesmo foi com Sadraque, Mesaque e Abednego – eles encontravam-se nos

lugares altos da perseguição devido o apego ao dever, quando Ele veio a eles, e lhes disse: *"estarei com vocês, passando através do fogo."*

Há certos lugares especiais nos quais devemos entrar, para encontrarmos com o Senhor. Devemos estar em grandes problemas, como Jacó; devemos estar em meio de grandes trabalhos, como Josué; devemos ter uma grande fé de intercessão como Abraão; devemos estar firmes no desempenho de um dever, como Sadraque, Mesaque e Abednego – do contrário, não O conheceremos, *"cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."* Ou, se O conhecemos, não seremos capazes de *"compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade."* (Efésios 3:18)

Doce Senhor Jesus! Tu, cujas saídas foram desde o início, desde os dias da eternidade, Tu que, todavia, não abandonou Tuas saídas. Oh, que saíesses hoje para animar ao desmaiado, para ajudar o cansado, para sarar nossas feridas, para consolar nossas aflições! Saí, lhe suplicamos, para conquistar os pecadores, para subjugar corações endurecidos, para romper as portas de ferro de seus pecados e fazer delas pedaços! Oh, Jesus! Sai; e quando saias, vem a mim! Sou um pecador endurecido? Vem a mim; eu necessito de Ti:

***"Oh, que Tua graça subjugue meu coração;
Quer ser levado triunfante também;
Um cativo voluntário de meu Senhor,
Para cantar as honras de Tua palavra!"***

Pobre pecador! Cristo não tem deixado de sair. E quando sai, lembre, vai a Belém. Você tem um Belém em seu coração? É pequeno? Então Ele sairá para você. Vá para casa e busque-lhe por meio de uma oração sincera. Se tiver sido levado a chorar por causa do pecado, e sente-se muito pequenino para que te vejam, vá a casa, pequeno! Jesus vem aos pequenos; suas saídas são desde o princípio, e Ele está saindo agora. Ele virá a sua velha e pobre casa – Ele virá a teu pobre coração infeliz – Ele virá, ainda que estejas na pobreza, e coberto de farrapos; ainda que estejas desamparado, atormentado e aflito – Ele virá, pois Suas saídas tem sido desde o princípio, desde os dias da eternidade. Confia Nele, confia Nele, confia Nele; e ele sairá e habitará em teu coração por toda a eternidade.

O Nascimento, Alimento e Nome de Jesus

Nº2392

Sermão pregado na manhã de Domingo, 24 de dezembro de 1854,

Por Charles Haddon Spurgeon

em New Park Street Chapel, Southwark, Londres

"Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel. Manteiga e mel comerá, quando ele souber rejeitar o mal e escolher o bem." Isaías 7:14-15

O reino de Judá se encontrava em uma situação de perigo iminente. Dois monarcas haviam se aliado contra ele, duas nações haviam se levantado para sua destruição. Síria e Israel haviam vindo para sitiarem os muros de Jerusalém, com toda a intenção de derrubá-los completamente e destruir totalmente a monarquia de Judá.

Acaz, o rei, enfrentando graves problemas, utilizou toda sua esperteza para defender sua cidade e, entre outras estratégias que sua sabedoria lhe ensinou, resolveu cortar as águas da câmara de águas para que os sitiadores pudessem ficar aflitos com a falta d'água. O rei sai pela manhã, sem dúvida acompanhado de seus cortesãos, caminha ao aqueduto da câmara de águas pretendendo verificar o corte da queda d'água, porém eis que ele se depara com algo que altera seus planos, fazendo-os desnecessários!

Isaías sai a seu encontro e o aconselha a não temer pelos agitadores, pelo que Deus iria destruir completamente ambas as nações que se levantaram contra Judá. Acaz não precisava temer a presente invasão, pois tanto ele quanto seu reino seriam salvos. O rei olhou para Isaías com um ar de incredulidade, como se dissesse: *"Se o Senhor enviasse carruagens do Céu, isso seria possível? Poderia animar o povo e dar vida às pedras em Jerusalém para resistirem aos meus inimigos?"*

O Senhor, vendo a pequenez da fé do rei, diz a ele que peça um sinal. *"Peça para ti um sinal de Jeová teu Deus"*, Ele diz, *"mesmo que das profundezas ou do mais alto dos montes. Que o Sol volte 10 graus, ou pare a Lua no meio de sua marcha da meia-noite; que as estrelas se movam de um lado a outro do céu em grande procissão! Peça qualquer sinal acima do céu ou, se quiser, abaixo da terra; que as profundezas provejam o sinal,*

que uma poderosa torrente de águas perca seu caminho através do oceanos e viaje pelo ar até os portões de Jerusalém! Que os céus carreguem uma chuva de ouro ao invés do fluido que geralmente ela carrega. Peça que o pelo do carneiro fique molhado sobre o piso seco, ou seco em meio ao orvalho. O que você quiser pedir, o Senhor te concederá para a confirmação da sua fé". Ao invés de aceitar essa oferta com toda a gratidão, como Acaz deveria ter feito, ele, com fingida humildade, declara que não pedirá nada e nem tentará o Senhor seu Deus! Pelo que Isaías, indignado, diz a ele que desde que ele não vai, em obediência aos comandos de Deus, pedir por um sinal, o próprio Senhor o dará um- não um simples sinal, mas O sinal, o sinal e a maravilha do mundo, a marca do mistério mais poderoso de Deus e de Sua sabedoria mais perfeita, pois *"Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel."*

Dizem que a passagem que escolhi para meu texto é uma das mais difíceis de toda Palavra de Deus. Talvez seja – eu, certamente, não pensava que era até ver o que os comentaristas comentavam sobre ela e depois de ler os comentários fiquei mais confuso ainda! Um disse uma coisa, e depois outro negou o que o primeiro havia dito. E se tinha algo que gostava, era evidente que aquilo havia sido copiado de um por outro e transmitido através de todos eles!

Um grupo de comentaristas nos diz que essa passagem refere-se inteiramente a uma pessoa que nasceria poucos meses após essa profecia, *"pois"*, eles dizem, *"aqui diz: 'Antes que a criança saiba recusar o mal e escolher o bem, a terra dos reis que tu temes será abandonada'.* *"Agora"*, dizem eles, *"essa foi uma liberação imediata que Acaz exigia e havia uma promessa de pronto resgate, que, antes de ser passarem poucos anos, antes que a crianças fosse capaz de saber o certo e o errado, Síria e Israel perderiam seus reis".*

Bem, isso parece um estranho desperdício de tão linda passagem, cheia de significado, e eu não consigo entender como eles podem sustentar seu ponto de vista quando encontramos o Evangelista Mateus citando essa mesma passagem como referência ao nascimento de Jesus, e dizendo: *"Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz; Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, Que traduzido é: Deus conosco".* Parece-me que esse Emanuel que ia nascer não poderia ser um mero homem e mais nada, pelo que se você vai ao próximo capítulo de Isaías, no versículo 8, você encontrará: *"Ele [o rei da Assíria] passará a*

Judá, inundando-o, e irá passando por ele e chegará até ao pescoço; e a extensão de suas asas encherá a largura da tua terra, ó Emanuel."

Aqui há um governo atribuído a Emanuel, que não poderia ser dEle se pensarmos que o Emanuel citado aqui trata-se de Sear-Jasube ou Maer-Sala-Hás-Baz, ou qualquer outro filho de Isaías. Portanto, eu rejeito essa visão dessa maneira. Isso está, em minha opinião, muito abaixo da grandiosidade desse argumento – que não fala nem nos permite falar nem a metade da grandiosidade dessa passagem!

Além do mais, encontrei que muitos comentaristas separam o 16° do 14° e 15° versículos e que eles lêem os 14° e 15° versículos como exclusivamente relacionados a Cristo, e que o 16° refere-se a Sear-Jasube, filho de Isaías. Eles dizem que havia dois sinais: um foi que uma virgem conceberia um filho, que seria chamado Emanuel, que não é outro senão Cristo; porém o segundo sinal era Sear-Jasube, o filho do profeta, de quem Isaías disse: *"Na verdade, antes que este menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, de que te enfadas, será desamparada dos seus dois reis"*. Entretanto, eu não gosto dessa explicação porque me parece muito claro que se fala do mesmo menino, tanto em um como em outro versículo. *"Antes que este menino"* – o mesmo menino – não menciona esse menino em um verso e logo aquele menino em outro versículo, mas antes que esse menino, o qual eu já falei, o Emanuel, antes que Ele saiba *"rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, de que te enfadas, será desamparada dos seus dois reis"*.

Outro ponto de vista, que é o mais popular, é ligar tal passagem, em primeiro lugar, a certa criança que haveria de nascer e, subsequentemente, em sentido mais elevado, ao nosso bendito Jesus Cristo. Talvez esse seja o verdadeiro sentido; talvez esse seja a melhor maneira de amenizar dificuldades, porém penso que se eu nunca tivesse lido nenhum desses livros com esses comentários, mas houvesse ido somente à minha Bíblia, sem saber o que qualquer homem escreveu a respeito do assunto, eu teria dito: *"Aqui claramente está Cristo! Seu nome não poderia ter sido escrito mais legivelmente como está aqui. 'Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho'. Isso é uma coisa tão inusitada, tão milagrosa e, portanto, deve ser algo semelhante a Deus! '(...) e chamará o seu nome Emanuel. Manteiga e mel comerá, quando ele souber rejeitar o mal e escolher o bem. Na verdade, antes que este menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, de que te enfadas, será desamparada dos seus dois reis' e Judá sorrirá sobre a ruína de seus palácios."*

Esta manhã, então, tomarei meu texto como relacionado a Jesus Cristo e

teremos três coisas, aqui, sobre Ele. Primeiro, o nascimento. Depois, o alimento. E por último, o nome de Cristo.

I. Começemos com o NASCIMENTO DE CRISTO – *"Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho"*.

"Passemos, pois, até Belém e vejamos isso que sucedeu", disseram os pastores. *"Vamos seguir a estrela que está no céu"*, disse um mago do oriente, e o mesmo dizemos hoje. No dia em que, como nação, comemoramos o nascimento de Cristo, ponhamo-nos diante da manjedoura e contemplemos o começo da encarnação de Jesus! Recordemos o momento em que Deus, primeiro, se fez em forma mortal e habitou entre os homens! Não nos envergonhemos em ir a um lugar tão humilde – detenhamo-nos na pousada e vejamos Jesus Cristo, o Deus Homem, tornar-se um neném bem pequenino.

E, primeiramente, vemos aqui, falando do nascimento de Cristo, uma milagrosa concepção. O texto diz expressamente: *"Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho"*. Essa expressão é incomparável até nas Escrituras Sagradas! Isso não poderia ter sido dito sobre nenhuma outra mulher senão Maria, e sobre nenhum outro homem poderia ser escrito que sua mãe era uma virgem. A palavra grega e também hebréia são muito expressivas quanto à veracidade e realidade da virgindade da mãe para nos mostrar que Jesus Cristo nasceu de uma mulher e não de um homem.

Não nos alongaremos nesse pensamento, ainda que seja muito importante e não se deve deixar de mencionar. De igual forma que a mulher, por seu espírito aventureiro, foi a primeira a transgredir, para que não fosse desprezada, Deus, em Sua sabedoria planejou que a mulher, e unicamente a mulher, seria a autora do corpo do Deus Homem que redimiria a humanidade! Embora ela mesma tenha provado primeiro o fruto maldito e tenha tentado o marido (pode ser que Adão tenha provado do fruto por amor a Eva, para não desagradá-la, a fim de estarem em igualdade), Deus ordenou que assim deveria ser, que Seu Filho deveria ser enviado *'nascido de uma mulher'*. E a primeira promessa foi que a Semente da mulher, não a semente do homem, feriria a cabeça da serpente.

Além disso, havia uma sabedoria peculiar que ordenou que Jesus Cristo fosse filho de mulher, e não de homem, porque este havia nascido da carne, *"O que é nascido da carne é carne"*, e meramente carne – e Ele, naturalmente, pela geração carnal, herdaria todas as debilidades, os pecados e fraquezas que o homem tem desde seu nascimento. Ele teria sido concebido em pecado e formado em iniquidade, como nós todos somos. Portanto, não nasceu de varão, mas o Espírito Santo cobriu Maria com sua

sombra e Cristo é o único homem, salvo o outro – Adão- que veio puro das mãos de seu Criador, e que podia dizer: *"Eu sou puro"*.

Sim, e Ele, Cristo, poderia dizer muito mais que o primeiro Adão com relação à sua pureza, pois Ele manteve Sua integridade e nunca a abandonou; desde Seu nascimento até Sua morte não conheceu o pecado, nem malícia foi encontrada em Sua boca. Oh, que maravilhoso espetáculo! Paremos e contemplemos essa cena. Um menino nascido de uma virgem, que combinação! Há o infinito e o finito, o mortal e o imortal, corrupção e incorrupção, o humano e o divino. Há Deus ligado à criatura; a Infinitude do Criador vem a este pontinho de terra – Ele, que não tem limites, quem a Terra e os céus não poderiam conter – sustentado nos braços de Sua mãe! Ele que fixou os pilares do Universo descansando em um peito mortal, dependendo da nutrição de uma mortal. Oh, que nascimento maravilhoso! Oh, que miraculosa concepção! Ficamos parados, contemplando e admirando. Verdadeiramente, anjos poderiam olhar para esse assunto, tão obscuro para nós: uma virgem concebeu e deu à luz um filho.

Nesse nascimento, além do mais, observando-se a miraculosa concepção, devemos notar em seguida o humilde parentesco. Aqui não diz que *"uma princesa conceberá e dará a luz a um filho"*, mas uma virgem. Sua virgindade era sua maior honra – ela não tinha nenhuma outra. É verdade, ela era de uma linhagem real, podendo contar com Davi entre seus antecedentes e com Salomão, formando parte de sua árvore genealógica. Ela era uma mulher que não deveria ser desprezada, pois ainda que tivesse uma origem humilde, carregava o sangue real de Judá. Oh, menino, em Tuas veias corre sangue de reis! O sangue da antiga monarquia encontra seu caminho desde Teu coração através de todas as suas veias de Teu corpo! Você nasceu, não de pais medíocres, se olharmos para sua linhagem real, por meio daquele que governou a monarquia mais poderosa de seu tempo e também é descendente daquele que planejou construir um templo para o poderoso Deus de Jacó!

A mãe de Jesus não foi, quanto a seu intelecto, uma mulher inferior. Entendo que ela possuía uma força mental muito grande, pelo que se não tivesse, não poderia compor um fragmento de poesia tão doce como essa que chamamos de 'Cântico de Maria', que começa: *"Minha alma engrandece ao Senhor"*. Ela não era uma pessoa a ser desprezada.

Eu, hoje, gostaria de expor uma coisa que considero uma falha entre os protestantes. Devido ao fato de os católicos romanos darem muita importância à Virgem Maria, inclusive oferecendo orações à ela, nós costumamos falar sobre ela de uma maneira muito rápida. Ela não deve ser

colocada em local de desprezo, pelo que pôde cantar verdadeiramente: "*Pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada*". Suponho que os Protestantes estejam entre o grupo "*todas as gerações*" que a consideraria bem-aventurada. O nome dela é Maria, e o singular poeta George Herbert escreveu um anagrama sobre ela:

***"Como o nome dela, de fato,
representa um Exército¹
Em quem o Senhor dos
Exércitos colocou Sua tenda"***

Ainda que ela não fosse uma princesa, nem seu nome – Maria – significa princesa, e ainda que não é rainha do Céu, ela tem o direito de ser reconhecida entre as rainhas da terra. E ainda que ela não tenha sido a dama de nosso Senhor, ela caminha entre as mulheres renomadas e de poder das Escrituras.

O nascimento de Jesus foi humilde. Estranho que o Deus da Glória não tenha nascido em um palácio! Príncipes, Cristo não deve nada a vocês. Príncipes, Cristo não é o devedor de vocês! Vocês não o enfaixaram, Ele não foi envolvido em pano púrpura, vocês não prepararam um berço de ouro para niná-lo. Rainhas, vocês não brincaram com ele em seus colos, Ele não descansou nos braços de vocês! E quanto a vocês, cidades poderosas, que àquele tempo eram grandes e famosas, seus salões de mármore não foram agraciados com os passos de Jesus! Ele veio de um vilarejo, pobre e desprezado, Belém. Não nasceu na casa do governante, nem na mansão do homem principal da cidade, mas numa manjedoura! A tradição nos diz que Sua manjedoura havia sido escavada em pedra; ali Ele foi colocado e, muito provavelmente, bois vinham para se alimentar nesse mesmo local, o feno e a forragem eram Sua única cama.

Oh, maravilhosa inclinação de condescendência, que nosso bendito Jesus fora cingido de humildade e rebaixamento tão grandes! Ah, se Ele se rebaixou, por que teve Ele um nascimento tão humilde? Se Ele se inclinou, por que se submeteu não só em se converter em filho de pais pobres, como a nascer em um lugar miserável?

Isso nos dá muito ânimo. Se Jesus nasceu em uma manjedoura de pedra, por que Ele não poderia vir habitar em nossos corações de pedra? Se Ele nasceu em um estábulo, por que os estábulos de nossas almas não poderiam

¹ Um jogral com referência ao nome de Maria em inglês, Mary, fica Army

ser habitação para Ele? Se Ele nasceu na pobreza, não poderia o pobre de espírito esperar que Ele seja seu amigo? Se Ele suportou tal degradação desde o princípio, consideraria Ele uma desonra vir até Suas pobres e humildes criaturas e habitar nos corações de Seus filhos? Ah, não! Nós podemos receber uma lição de consolo a partir de Seu humilde parentesco e podemos regozijar que não uma rainha nem imperatriz, mas uma humilde mulher tornou-se a mãe do Senhor da Glória!

Devemos fazer mais um comentário sobre o nascimento de Cristo antes de continuarmos, e esse comentário será relativo ao glorioso dia de Seus nascimentos. Com toda a humilhação que cercou o nascimento de Jesus, houve muita coisa gloriosa, honorável. Nenhum outro homem teve um nascimento como Cristo teve! De quem mais os profetas e videntes escreveram como escreveram dEle? Qual outro nome está gravado em tantas placas como o nome dEle? Quem teve um rolo de profecias, todas elas apontando para Ele como Jesus Cristo, o Filho de Deus? Lembrem, com relação a seu nascimento, quando Deus colocou uma luz no céu para anunciar o nascimento de um imperador? Imperadores vêm e vão, mas estrelas nunca profetizam seus nascimentos! Quando foi que os anjos desceram dos céus e cantaram sinfonias no nascimento de um homem poderoso? Nunca; todos os demais são passados. Mas vejam, há uma estrela brilhando no céu e se escuta um hino: *"Glória a Deus nas maiores alturas, e na terra, paz aos homens, bem seja com todos os homens"*.

O nascimento de Cristo não é desprezível, ainda que consideremos os visitantes que vieram a Seu berço. Primeiro, vieram pastores, como foi comentado de maneira singular por um antigo teólogo, os pastores não se perderam no caminho, mas os magos sim, esses se perderam. Pastores vieram primeiro, sem nenhum guia nem direção, a Belém. Os magos, guiados por uma estrela, vieram depois. A representação dos dois corpos da humanidade – o rico e o pobre – ajoelharam-se ao redor da manjedoura; e ouro, incenso e mirra e toda sorte de presentes preciosos foram oferecidos à Criança que era o Príncipe dos reis da terra, aquele que, em tempos primórdios fora ordenado para sentar no Trono de Seu pai, Davi, e que no futuro governaria todas as nações com Seu cetro de ferro.

"Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho". Dessa forma, falamos do nascimento de Cristo.

II. A segunda coisa a falar é O ALIMENTO DE CRISTO. – *"Manteiga e mel comerá, para que ele saiba rejeitar o mal e escolher o bem."*

Nossos tradutores eram, certamente, estudiosos e Deus deu-lhes muita

sabedoria para que pudessem adequar nossa linguagem com a majestade da original, mas aqui eles foram culpados e inconsistentes. Eu não vejo como manteiga e mel podem fazer uma criança escolher o bem e rejeitar o mal. Se assim é, tais produtos deveriam ter seus preços aumentados consideravelmente. Porém, no original não diz: *"Manteiga e mel comerá para que saiba rejeitar o mal e escolher o bem"* [versão King James], mas *"Manteiga e mel comerá, até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem"* [versão Revista e Corrigida], ou melhor ainda *"Manteiga e mel comerá, quando souber recusar o mal e escolher o bem"* [versão Corrigida e Revisada Fiel].

Usaremos essa última tradução e trataremos de extrair o significado que está por trás das palavras. Elas nos devem ensinar, primeiramente, sobre a própria humanidade de Cristo. Quando Ele quis convencer Seus discípulos de que Ele era carne, e não espírito, pegou um pedaço de peixe assado e um pouco de mel e comeu, como os outros fizeram. *"Toquem-me"*, Ele disse, *"e vedes, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho"*. Alguns rebeldes ensinavam, ainda um pouco depois da morte de Cristo, que Seu corpo era uma mera sombra, que Ele não era um Homem real, de fato – mas aqui percebemos que Ele come manteiga e mel, justamente como os outros homens estavam fazendo. Assim como os outros homens, Jesus também era nutrido com comida! Ele era homem verdadeiro como era certamente o Deus verdadeiro e eterno. *"Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo"*. Ele comeu manteiga e mel para nos mostrar que era um homem verdadeiro, o qual morreu no Calvário depois.

A manteiga e o mel nos ensinam, de novo, que Cristo nasceu em tempos de paz. Alguns produtos não são encontrados na Judéia em tempos de conflitos – os estragos da guerra varrem todos os valiosos produtos da indústria – nos pastos que não têm irrigação, nem alimento, conseqüentemente, não há manteiga. As abelhas poderiam fazer sua colméia nas carcaças de leões, para produzir mel lá. Mas quando a terra está conturbada, quem recolhe o mel? Como poderia um menino comer manteiga quando sua mãe foge no inverno, com sua mãe o segurando nos braços? Em tempos de guerra não temos escolha de comida, então as pessoas comem o que elas conseguem, e o suprimento é bem escasso. Damos graças a Deus por vivermos em uma terra de paz, e vejamos um mistério no texto: que Cristo nasceu em tempos de paz.

O templo de Jano (um deus romano) foi fechado antes que o Templo do Céu fosse aberto! Antes que o Príncipe da Paz viesse ao Templo de

Jerusalém, a horrenda boca da guerra foi tapada! Marte (deus da guerra) havia embainhado sua espada e tudo estava em paz. César Augusto era imperador do mundo, ninguém mais governava, e as guerras haviam cessado – a terra estava calma, as folhas não se moviam nas árvores do campo, o oceano da contenda não era perturbado por nenhuma onda, os ventos quentes da guerra não sopravam sobre o homem para molestá-lo – tudo estava em paz e quieto! E, então, veio o Príncipe da Paz, quem, dias depois, romperá o arco, cortará a lança em pedaços e queimará os carros em fogo.

Ainda há outro ensinamento aqui: *"Manteiga e mel Ele comerá quando souber rejeitar o mal e escolher o bem"*. Isso nos ensina sobre a maturidade de Cristo, e com ela quero dizer que, ainda quando era um menino, ainda quando se alimentava de manteiga e mel, que são alimentos infantis, Ele sabia discernir entre o bem o mal. Geralmente, não é a partir do momento que as crianças deixam seus alimentos infantis que elas sabem escolher o bem, ao invés do mal em pleno sentido. Isso requer anos para amadurecer suas faculdades, para desenvolver julgamento, para se tornarem homens – na realidade, pra fazer dele um homem. Porém Cristo, até quando Ele era um bebê, até quando Ele comia somente manteiga e mel, Ele sabia o que era mal e o que era bom, recusava um e escolhia outro.

Oh, que poderoso intelecto que estava naquele cérebro! Enquanto ainda era uma criança seguramente havia um brilho de gênio em Seus olhos; o fogo do intelecto deve ter incendiado sua frente. Ele não era uma criança qualquer – como Sua mãe devia falar sobre Seus discursos de criança! Ele não brincava como as outras crianças; Ele não se interessava em gastar tempo com coisas ociosas; Seus pensamentos eram elevados e maravilhosos. Ele entendia mistérios e quando foi ao Templo nos dias de Sua infância não foi encontrado brincando nas praças e mercados como as outras crianças faziam, mas sentado entre os doutores, escutando-os e fazendo-os perguntas! Ele tinha uma mente genial: *"Jamais um homem falou como este Homem"*. Portanto, nenhuma criança pensou como Esta – Ele era surpreendente, a maravilha e o assombro de todas as crianças, o Príncipe das crianças – era o Deus Homem até quando era Criança! Creio que isso nos é ensinado nas palavras: *"Manteiga e mel comerá quando souber rejeitar o mal e escolher o bem"*.

Talvez possa isso parecer brincadeira, mas antes que termine de falar sobre essa parte do tema, tenho que dizer-lhes quão doce é pra minha alma crer que, assim como Cristo se alimentava de manteiga e mel, certamente manteiga e mel caíam de Seus lábios. Doces são Suas palavras para nossas almas, mas desejáveis que mel das colméias! Bom que coma manteiga

Aquele cujas palavras acalmam o que está atribulado e cujas expressões são como azeite para nossas dores. Bom que coma manteiga Aquele que veio sarar nossos corações quebrantados; que bom que tenha se alimentado da gordura da terra Aquele que veio para dar fertilidade à terra estéril e suavizar toda a carne com leite e mel, oh, mel no coração –

*"Onde poderia estar tamanha
doçura
Como a que provei no Teu amor,
Como a que encontrei em Ti?"*

Tuas palavras, oh Cristo, são como o mel! Eu, como uma abelha, tenho ido de flor em flor para colher doçura e produzir alguma essência preciosa para mim; porém eu encontrei mel em teus lábios, toquei Tua boca com meu dedo e peguei mel para mim, e meus olhos brilharam, doce Jesus! Toda palavra que vem de Ti é preciosíssima para minha alma – nenhum mel pode ser comparado com o Seu – bem Tu fizeste em comer manteiga e mel!

Talvez não devesse esquecer de dizer o efeito de Cristo ter comido manteiga e mel foi mostrar-nos que, durante Sua vida, Ele não iria diferir dos outros homens em Sua aparência externa. Outros profetas, quando vieram, estavam vestidos com rudes vestimentas e seus comportamentos eram solenes e austeros. Cristo não veio assim – Ele veio para ser um Homem entre os homens; festejava com os que festejavam, comia mel com os que comiam mel. Não diferia de ninguém e por isso comia e bebia como qualquer outro. Por que fez Cristo assim? Por que comprometeu a Si mesmo, sabendo que o que falavam eram calúnias? Para ensinar a Seus discípulos a não se aparegarem à comida e à bebida, mas que desprezassem essas coisas e vivessem como os outros viviam. Isso era pra ensiná-los que não é o que entra, mas o que sai, que contamina o homem! Não é o que uma pessoa come, com moderação, que o faz mal – mas é o que ela diz e pensa. Não é abster-se de comer, não são ordenanças carnis de *"Não toque, não prove, não maneje isto"* que constituem os fundamentos da nossa religião, ainda que seja um anexo para ela. Manteiga e mel Cristo comeu, e manteiga e mel Seu povo deve comer! Assim, qualquer coisa que Deus, em Sua providência, lhes der, isso será o alimento de um filho de Deus.

III. Agora, chegaremos à conclusão com O NOME DE CRISTO: *"e chamará o seu nome Emanuel"*.

Tinha a esperança, meus queridos amigos, de ter suficiente voz hoje para falar sobre o nome do meu Senhor. Tinha a esperança de conduzir minha

carruagem mais velozmente, mas, como minhas rodas foram retiradas, devo me contentar com o que tenho. As vezes, nos arrastamos quando não podemos caminhar, ou caminhamos quando não podemos correr, porém oh, aqui temos um doce nome para nossa conclusão – *"e chamará o seu nome Emanuel"*.

Antigamente, os pais colocavam os nomes com significado em seus filhos; não colocavam nomes de pessoas eminentes, a quem muito provavelmente chegariam a odiar, a ponto de não querer saber nada sobre elas. Eles tinham nomes repletos de significados relacionados com seus nascimentos. Por exemplo, Caim: *"Alcansei do SENHOR um homem"*, disse a mãe, e o chamou Caim, que é *'Obtido'* ou *'Adquirido'*.

Havia também Sete – que é *'Substituto'*, pelo que sua mãe disse: *"Deus me deu outro filho em lugar de Abel"*. Noé significa *'descanso'* ou *'consolo'*. Ismael foi assim chamado por sua mãe porque Deus a ouviu. Isaque era chamado *'riso'* porque ele trouxe riso, alegria para a casa de Abraão. Jacó era chamado *'suplantador'* ou *'astuto'* porque ele suplantaria seu irmão. Podemos assinalar muitos exemplos semelhantes – talvez esse fosse um bom costume entre os hebreus.

Vemos, portanto, que a virgem Maria chamou a seu filho Emanuel, para que houvesse um significado em Seu nome: *'Deus conosco'*. Minha alma repete essas palavras *'Deus conosco'*. Oh, esse é um dos sinos dos Céus! Repitamos isso mais uma vez: "Deus conosco". Oh, essa é uma nota extraviada do Paraíso, *'Deus conosco'*; isso é um sussurro de um serafim! "Deus conosco". Essa é uma das notas do canto de Jeová, quando se regozija em Sua Igreja com cânticos: "Deus conosco". *'Deus conosco'*. Diga, diga, diga, diga isso – esse é o nome do que nasceu hoje –

***"Ouçam, os anjos
arautos cantam!"***

Esse é Seu nome, *"Deus conosco"* – Deus conosco, por Sua encarnação, pois o majestoso Criador do mundo caminhou sobre este globo! Ele, que criou 10 mil órbitas, cada uma delas mais poderosa e mais vasta que a Terra, tornou-se um habitante desse pequeno átomo. Ele, que era de Eternidade a Eternidade, veio a este mundo de tempo finito e tornou-se o guia desta terra.

"Deus conosco" Ele não perdera Seu nome – Jesus teve esse nome na terra e Ele o tem, agora, no Céu! Ele é, agora, *"Deus conosco"*. Crente, Ele é Deus contigo para protegê-lo! Você não está sozinho, porque o Salvador

está com você. Ponha-me em um deserto, onde plantas não crescem – Eu ainda posso dizer "Deus conosco". Ponha-me no perigoso oceano, onde meu barco me balance loucamente sobre as ondas – Eu ainda diria "*Emanuel, Deus conosco*". Levem-me aos raios de Sol e deixem-me voar pelas águas ocidentais – Eu ainda poderia dizer: "*Deus conosco*". Deixem meu corpo mergulhar nas profundidades do oceano e deixem-me esconder nas cavernas subterrâneas – eu ainda diria, como um filho de Deus diria, "Deus conosco". Sim, em uma tumba, lá dormindo em meio à corrupção, ainda lá poderia ver as pisadas de Jesus! Ele trilhou o caminho de todo Seu povo e ainda é '*Deus conosco*'.

Mas se querem conhecer esse nome tão doce, devem conhecê-lo por meio do Espírito Santo. Esteve Deus conosco hoje? De que serve o Templo se Deus não está nele? Melhor seria ficarmos em casa se não temos visitas de Jesus Cristo e, certamente, podemos vir, e vir e vir tão regularmente como essa dobradiças das portas se dobras, "Deus conosco", pela influência do Espírito! A menos que o Espírito Santo tome as coisas de Cristo e as aplique a nossos corações, não haverá 'Deus conosco'. De outra maneira, Deus é fogo consumidor. Eu amo o 'Deus conosco' –

***"Até que eu veja Deus em
corpo humano
Meus pensamentos não
encontram consolo"***

Agora os pergunto: vocês sabem o que significa 'Deus conosco'? Esteve Deus com vocês em suas tribulações, por meio da influência consoladora do Espírito Santo? Esteve Deus com vocês enquanto estavam a esquadrihar as Escrituras? O Espírito Santo brilhou sobre as Escrituras? Esteve Deus com vocês na convicção, trazendo-os para o Sinai? Esteve Deus com vocês, consolando-os, trazendo-os para o Calvário, de novo? Você conhece o inteiro significado desse nome, Emanuel, Deus conosco? Não, aquele que o conhece mais que todo mundo sabe pouco disso! Ai de mim, aquele que não o conhece é ignorante, tão ignorante que sua ignorância não é boa, mas motivo de condenação! Deixe Deus ensiná-lo o significado do nome Emanuel, Deus conosco!

Agora cheguemos à conclusão. '*Emanuel*'. O mistério da sabedoria, "Deus conosco". Sábios olham e se maravilham. Os anjos desejam vê-lo. Um medidor de razão não pode alcançar metade de sua profundidade. As asas de águia da ciência não podem voar tão alto, e o olho perfurador do urubu da pesquisa não pode vê-lo! '*Deus conosco*'. É o terror do Inferno! Satanás com esse som. Sua legião foge rapidamente, o dragão das asas negras do

abismo estremece de medo diante disso! Deixem que ele venha até vocês de repente e simplesmente sussurrem: '*Deus conosco*', se cai de bruços, confundido e atordoado! Satanás estremece quando ouve esse nome '*Deus conosco*'.

Essa é a força do obreiro – como ele poderia pregar o Evangelho, como ele poderia dobrar seus joelhos em oração, como poderia o missionário ir para terras estrangeiras, como o mártir poderia suportar uma situação controversa, como poderia alguém confessar Seu Mestre, como poderia um homem trabalhar se essas palavras lhe fossem tiradas? "*Deus conosco*", é o conforto do sofredor, é o bálsamo de sua dor, o alívio de sua profunda tristeza, é o sono que Deus dá a Seu amado, o descanso depois do trabalho e da labuta.

Ah, e para terminar, '*Deus conosco*' constitui um soneto da eternidade, é a aleluia dos Céus, o clamor dos glorificados, a canção dos redimidos, o coro dos anjos, é a eterna oratória da grande orquestra do céu! "*Deus conosco*" –

*"Deus Salve Emanuel, Divino
Em Ti brilham as glórias de Teu
Pai!
Tu, o mais reluzente, doce e
reto
Que tenham visto os olhos o que
os anjos já conheciam"*

Bem, um feliz Natal para todos vocês; e sei que ele será um feliz Natal se vocês tiverem Deus com vocês! Não direi nada hoje contra festividades deste dia do nascimento de Cristo. Sustento que, talvez, não seja certo celebrá-lo, mas nunca estaremos no meio daqueles que consideram um dever celebrá-lo, assim como outros que o celebram de maneira correta. Mas amanhã refletiremos sobre o nascimento de Jesus. Somos compelidos a isso, tenho certeza, independente de quão vigorosamente nos apeguemos a nosso áspero Puritanismo.

E, "*assim que celebrarmos a festa, não com o velho fermento, nem com o fermento da malícia e da maldade, mas com o pão sem fermento, de sinceridade e verdade*". Não festejem como se quisessem festejar a Baco! Não vivam, amanhã, como se adorassem a uma entidade pagã. Celebrem, Cristãos, celebrem! Vocês têm esse direito. Vão às casas e festejem esse dia. Celebrem o nascimento de seu Salvador. Não tenho vergonha de estarem contentes, pois têm o direito de ficarem felizes!

Salomão disse: *"Siga o teu caminho, coma o pão com alegria e beba seu vinho com alegre coração; porque tuas obras já são agradáveis a Deus. Em todo tempo sejam suas vestes brancas, e nunca falte unguento sobre sua cabeça"*.

*"A religião nunca foi
desenhada
Para diminuir nossos
prazeres"*

Lembrem-se que nosso Senhor comeu manteiga e mel. Voltem às suas casas, regozijem-se no Natal, mas em suas festas pensem no Homem de Belém – permitam-no ter um lugar seus corações, dêem glórias a Ele, pensem na virgem que O concebeu – mas pensem, acima de tudo, no Homem que nasceu, no Filho dado! Termino dizendo, de novo:

"UM FELIZ NATAL PARA TODOS VOCÊS!"

O Grande Aniversário e Nossa Maioridade

Nº 1815

Sermão pregado na manhã de Domingo, 21 de Dezembro de 1884
por Charles Haddon Spurgeon,
no Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres,

“Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo. Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. ” Galatas 4:3-6

O nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo nesse mundo é um manancial de uma felicidade pura e sem mistura. Associamos com Sua crucificação uma boa dose de dolorosa lamentação, porém Seu nascimento em Belém nos provoca somente deleite. O canto angélico era um apropriado acompanhamento para esse ditoso acontecimento, e a plenitude da terra de paz e de boa vontade é uma apropriada consequência desse condescendente fato. As estrelas de Belém não projetam uma sinistra luz. Podemos cantar com um indivizível gozo: *“Um menino nos nasceu, um filho é nos dado.”* Quando o eterno Deus inclinou-se desde o céu e assumiu a natureza de Sua própria criatura que havia se rebelado contra Ele, esse ato não podia significar nenhum dano ao homem. Que Deus assuma nossa natureza não significa que Deus esteja contra nós, mas sim que Deus está conosco. Podemos tomar ao bebê em nosso braços e sentir que temos visto a salvação do Senhor. Não pode significar destruição para os homens. Não me surpreende que os homens do mundo celebrem o suposto aniversário do grande Aniversariante como uma grande festa com cantatas e banquetes. Desconhecendo por completo o significado espiritual do mistério, percebem, contudo, que significa, o bem do homem, e assim respondem ao fato a sua tosca maneira. Nós que não observamos nenhum dia que não houvesse sido estabelecido pelo Senhor, nos alegamos continuamente em nosso Príncipe de Paz, e encontramos na humanidade de nosso Senhor uma fonte de consolação.

Para os que constituem verdadeiramente o povo de Deus, a encarnação é o motivo de uma alegria reflexiva que sempre cresce conforme aumenta

nosso conhecimento de seu significado, assim como os rios ficam mais abundantes graças a muitos débeis afluentes. O Nascimento de Jesus não somente nos traz esperança, mas sim a certeza de boas coisas. Não só consideramos que Cristo entra em uma relação com nossa natureza, mas estabelece uma união conosco, pois Ele se converteu numa só carne conosco por propósitos tão grandes como Seu amor. Ele é um com todos os que temos crido em Seu nome.

Consideremos à luz de nosso texto o efeito especial produzido na igreja de Deus pela vinda do Senhor Jesus Cristo encarnado. Vocês sabem, amados, que Sua segunda vinda produzirá uma mudança maravilhosa na igreja. *“Então os justos resplandecerão como o sol.”* Desejamos Sua segunda vinda para que a Igreja seja içada a uma plataforma mais alta da que ocupa agora. Então os militantes se converterão triunfantes, e os que trabalham arduamente se converterão exultantes. Agora é o tempo da batalha, porem a Segunda Vinda é a vitória e o repouso. Hoje, nosso Rei nos envia ao conflito, mas logo Ele reinará gloriosamente no monte Sião com Seus anciões. Quando Ele se manifeste seremos semelhantes a Ele, pois o veremos tal como Ele é. Então a esposa se adornará com suas jóias e estará preparada para Seu Esposo. Toda a criação que espera geme uníssonas, e juntamente está em harmonia com as dores de parto da Igreja, mas então chegará a seu tempo de iluminação e entrará na liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Essa é a promessa do segundo advento.

Porem, qual foi o resultado do primeiro advento? Teve algum impacto na dispensação da igreja de Deus? Teve, mais além de toda dúvida. Paulo nos diz aqui que eramos meninos em escravidão sob os rudimentos do mundo, até que veio a plenitude dos tempos quando *“Deus enviou a Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.”* Alguns dirão: “aqui está se falando dos judeus”, mas ele nos previne expressamente no capítulo anterior que não devemos dividir à igreja entre judeus e gentios. Para ele, a igreja é uma, e quando diz que estavamos em escravidão, está se dirigindo aos galatás cristãos, muitos dos quais eram gentios, porem não os considera nem como judeus nem como gentios, mas sim como parte de uma igreja de Deus única e indivizível. Naqueles épocas nas que a eleição abarcava principalmente as tribos de Israel, havia sempre alguns eleitos situados mais além dessa linha visível, e na mente de Deus o povo eleito não foi jamais considerado como judeu ou gentio, mas sim como um em Cristo Jesus. Então Paulo nos dá a saber que a igreja até o momento da vinda de Cristo era como um menino em idade escolar sob tutores e aios, ou como um jovem que não havia alcançado a idade da sensatez e, portanto, que era mantido muito apropriadamente sob certas restrições. Quando Jesus veio, o grande dia de Seu nascimento foi o dia do cumprimento da maioridade para a igreja:

então os crentes já não foram meninos, mas sim converteram-se em homens em Cristo Jesus. Por meio de Seu primeiro advento nosso Senhor fez a igreja passar de sua menoridade e de estar sob tutela, a uma condição de maturidade na que foi capaz de tomar posse da herança e de reclamar seus direitos e liberdades, e desfrutá-los. Foi maravilhoso passar de estar sob a lei como seu aio, e sair de sua vara e seu governo e chegar à liberdade e ao poder de herdeiro adulto – porem, assim foi a mudança para os crentes de tempos antigos e, em consequencia, houve uma maravilhosa diferença entre os maiores do Antigo Testamento e os mais pequenos do Novo. Entre os que nascem de mulher, não se levantou outro maior que João Batista, e no entanto, o mais pequeno no reino dos céus é maior que ele. João Batista pode ser comparado com um jovem de dezenove anos, ainda infante na lei, todavia sob seu aio, ainda incapaz de tocar em seu herança – porem o mais pequeno crente em Jesus superou seu menoridade e “já não é escravo, mas sim filho – e se filho, também herdeiro de Deus por meio de Cristo”.

Que o Espirito Santo abençoe o texto para nós enquanto o usamos dessa forma. Primeiro, consideraremos *a alegre missão do Filho de Deus em si mesma*, e logo consideraremos *o feliz resultado que resultou dessa missão*, segundo está expresso em nosso texto.

I. Os convido a CONSIDERAR A ALEGRE MISSÃO DO FILHO DE DEUS. O Senhor do céu veio à terra – Deus assumiu a natureza humana. Aleluia!

Essa grandiosa transação foi cumprida em seu devido tempo: “*Quando veio o cumprimento do tempo, Deus enviou a seu Filho, nascido de mulher*”. O tanque do tempo tinha que ser cheio pela sucessão de uma idade pós outra, e quando esteve cheio até a boca, apareceu o Filho de Deus. Por que o mundo teve que permanecer em trevas durante quatro mil anos, o motivo pelo qual teve que transcorrer esse lapso para que a igreja alcançasse sua plena idade, não poderíamos sabê-lo – o que sim nos é dito é que Jesus foi enviado quando veio a plenitude dos tempos. Nosso Senhor não veio antes de Seu tempo nem depois de Seu tempo: Ele foi pontual a Sua hora, e clamou no momento certo: “*Eis aqui que venho*”. Nós não podemos remexer curiosamente nas razões pelas que Cristo veio quando o fez, mas podemos meditar com reverência nelas. O nascimento de Cristo é a maior luz da história, o sol no céu de todos os tempos. É a estrela polar do destino humano, o ponto essencial da cronologia, o lugar de encontro das águas do passado e do futuro. Por que ocorreu justo naquele momento: Certamente assim foi anunciado com antecedência. Existiam muitas profecias que apontavam exatamente para essa hora. Não os deterei com elas agora – porem os que estão familiarizados com as Escrituras do Antigo Testamento

saberão bem que, como com igual número de dedos, apontavam ao tempo quando Siló viria, e seria oferecido o grandioso sacrifício. Veio na hora designada por Deus. O infinito Senhor estabelece a data de cada evento. Todos os tempos estão em Suas mãos. Não há fios soltos na providência de Deus, não há pontos de ferimentos que soltem, não há eventos que sejam deixados ao azar. O grande relógio do universo marca um tempo preciso e todo o maquinário da providência se move com uma pontualidade certa. Era de se esperar que o maior de todos os eventos fosse cronometrado muito precisa e sabiamente, e assim realmente o foi. Deus quis que fosse onde foi e quando foi, e essa vontade é para nós a razão última.

Se pudéssemos sugerir algumas razões que fossem apreciadas por nós mesmos, deveríamos ver a data em referência à igreja mesma enquanto ao tempo do cumprimento de sua maioridade. Há uma medida de razão em estabelecer a idade de vinte e um anos como o período de maioridade de um homem², pois então ele está maduro e plenamente desenvolvido. Não seria sábio estabelecer que uma pessoa fosse maior de idade na idade de dez, ou onze ou doze anos – qualquer um veria que esses anos juvenis seriam inapropriados. Por outro lado, se não alcançássemos a maioridade até não cumprir os trinta anos, qualquer um veria que seria uma postergação sem necessidade e arbitrária. Agora, se fôssemos bastante sábios, veríamos que a igreja de Deus não haveria podido tolerar a luz do Evangelho antes do dia da vinda de Cristo. Tampouco haveria sido bom manter ela nas sombras mais além desse tempo. Havia uma adequação quanto à data que não podemos entender plenamente porque não possuímos os meios de formarmos um cálculo tão definitivo da vida de uma igreja como da vida de um homem. Só Deus conhece os tempos e as estações para uma igreja e, sem dúvida, para Ele, os quatro mil anos da antiga dispensação constituíram um apropriado período para que a igreja permanecesse na escola e levasse o jugo em sua juventude.

O tempo do cumprimento da maioridade de um homem foi estabelecido pela lei com referência aos que o rodeiam. Para os serventes, não seria conveniente que o menino de cinco ou seis anos fosse seu patrão – no mundo do comércio não seria conveniente que um jovem comum dez ou doze anos fosse um comerciante por conta própria. Existe uma adequação com referência a parentes, vizinhos e dependentes. Assim havia uma adequação no tempo em que a igreja cumpriria sua maioridade com relação ao resto da humanidade. O mundo tem que conhecer sua escuridão para poder valorizar a luz quando ela brilha. O mundo tem que se cansar de sua escravidão para que possa dar as boas vindas ao grandioso Emancipador. O

² No Brasil, de acordo com o Código Civil de 2002 vigente hoje, a maioridade se dá aos 18 anos (N.T)

plano de Deus era que a sabedoria do mundo demonstrasse ser tolice. Ele tinha a intenção de permitir que o intelecto e a habilidade se esgotassem, e então enviaria a Seu Filho. Ele permitiria que o homem comprovasse que sua força era uma debilidade perfeita, e então Ele se converteria em sua justiça e sua força. Então, quando um monarca governava todas as terras e quando o templo da guerra foi fechado depois de anos de derramamento de sangue, o Senhor a quem os fiéis buscavam apareceu de pronto. Nosso Senhor e Salvador veio quando o tempo era cumprido, quando era como uma colheita pronta para ser colhida, e assim Ele virá de novo quando mais uma vez a idade esteja madura e pronta para Sua presença.

Observem quanto à primeira vinda, que o Senhor movia-se nela até o homem. “*Quando veio a plenitude do tempo, Deus enviou a seu Filho*”. Nós não nos movemos para o Senhor, mas sim que o Senhor moveu-se até nós. Eu não encontro que o mundo, em arrependimento, buscasse seu Criador. Não, antes, o próprio Deus ofendido, em infinita compaixão, rompeu o silêncio e veio para abençoar Seus inimigos. Vejam que espontânea é a graça de Deus. Todas as coisas boas começam com Ele.

É muito deleitável que Deus demonstre um interesse em cada etapa do crescimento de Seu povo, desde sua infância espiritual até a idade adulta espiritual. Assim como Abraão fez um grande banquete quando Isaque foi desmamado, assim o Senhor faz um banquete quando Seu povo cumpre a maioria. Enquanto eram como menores de idade sob a lei das observâncias cerimoniais, Ele os conduziu e os instruiu. Ele sabia que o jugo da lei era para seu bem, e os consolava enquanto o suportavam – porém se alegrou quando chegou a hora para sua alegria mais plena. Ó, que verdadeiramente o salmista disse: “*Que preciosos me são, ó Deus, teus pensamentos! Que grande é a soma deles!*” Declarem com gozo e alegria que as bênçãos da nova dispensação sob a que estamos são os dons espontâneos de Deus, cuidadosamente entregues com grande amor que fez sobre abundar para conosco em toda sabedoria e inteligência. Quando veio a plenitude do tempo, Deus mesmo interveio para conceder a Seu povo seus privilégios, pois não é Sua vontade que ninguém de Seu povo se perca de um só ponto das bênçãos. Não é Seu desejo que sejamos bebês – ele quer que sejamos homens. Se padecermos fome não é por Seu desejo, pois Ele quer encher-nos com o pão do céu.

Observem a intervenção divina: “Deus enviou a *seu Filho*”. Espero que não lhes pareça chato que me detenha para considerar a palavra: “*enviou*”, “*Deus ENVIU a seu Filho*”. Essa expressão produz um grande prazer em mim, pois ela sela toda a obra de Jesus. Tudo o que Cristo fez, o fez por comissão e autoridade de Seu Pai. O grandioso Senhor, quando nasceu em

Belém e assumiu nossa natureza, fez isso sob a autorização divina – e quando chegou e distribuiu dons abundantes entre os filhos dos homens, era mensageiro e embaixador de Deus. Era o Embaixador pleno da Corte do céu. Por trás de cada palavra de Cristo está a garantia do Eterno. Por trás de cada promessa de Cristo há um juramento de Deus. O Filho não faz nada por Si mesmo, mas sim que o Pai trabalha com Ele e Nele.

Ó alma, quando se apóia em Cristo, não está confiando em um Salvador amador nem num Redentor que não foi comissionado, mas sim em Um que é enviado pelo Altíssimo e que, portanto, está autorizado em cada coisa que realiza. O Pai diz: “*Esse é meu Filho amado, a Ele ouvi*”, pois ao ouvi-lo, estão ouvindo ao Altíssimo. Encontraremos felicidade, então, na vinda de nosso Senhor à Belém, porque Ele foi enviado.

Agora, dirijam seu olhar à seguinte palavra: “Quando veio na plenitude do tempo, Deus enviou *a seu Filho*”. *Observem à Divina pessoa que foi enviada*. Deus não enviou a um anjo, nem uma criatura exaltada, mas sim “*a seu Filho*”. Como poder haver um Filho de Deus, não o sabemos. A eterna filiação do Filho deve permanecer sendo para sempre um desses mistérios nos quais não podemos bisbilhotar. Seria algo parecido ao pecado dos homens de Bet-Sames se fossemos abrir a arca de Deus para contemplar as coisas profundas de Deus. É muito certo que Cristo é Deus, pois aqui Ele é chamado “*seu Filho*”. Ele existia antes de ter nascido nesse mundo, pois Deus “*enviou*” a Seu Filho. Ele já existia, pois de outra forma não poderia ter sido “*enviado*”. E no caso que Ele é um com o Pai, contudo, tem que ser distinto do Pai e tem que ter uma personalidade separada a do Pai, pois de outra maneira não poderia ser dito que Deus enviou a Seu Filho. Deus o Pai não nasceu de uma mulher nem foi gerado sob a lei, mas sim unicamente Deus o Filho – portanto, ainda que sabemos e nos é assegurado que Cristo é um com o Pai, contudo, deve-se observar de maneira muito clara Sua personalidade distinta.

É de admirar que Deus tenha gerado um Filho só, e que o tenha enviado para nos levantar. O mensageiro para os homens não pode ser outro que o próprio Filho de Deus. Que dignidade há aqui! É o Senhor dos anjos quem nasceu de Maria – é Ele, sem quem nada do que foi feito foi feito, quem se digna ser ninado no peito de uma mulher e envolto em panos. Ó, a dignidade disso e, conseqüentemente, ó, sua eficiência! Quem veio nos salvar não é nenhuma frágil criatura como nós – quem assumiu nossa natureza, não é um ser de limitada força, tal como poderiam ter sido um anjo ou um serafim – porem, Ele é o Filho do Altíssimo. Glória seja dada a Seu bendito nome! Reflitamos com deleito sobre isso.

*“Se se tivesse enviado a algum profeta
Com as alegres novas da salvação,
Quem ouviria esse bendito evento
Poderia recusar um amor mais terno?”*

*Porem foi Aquele para quem no céu
Não cessam jamais as aleluias;
Ele, o poderoso Deus, nos foi dado,
Foi-nos dado o Príncipe da Paz.*

*Ninguém senão Aquele que nos criou
Poderia redimir do pecado e do inferno;
Ninguém senão Ele poderia reinstalar-nos
No lugar do qual caímos”.*

Prossigamos, nos aderindo ainda as próprias palavras do texto, pois são muito doces. Deus enviou a Seu Filho em uma humanidade real, “feito de mulher”³. A Versão Revisada apropriadamente o expressa assim: “*nascido de mulher*”. Talvez se pudessem se aproximar mais a essência do original, se dissessem: “feito para ser nascido de mulher”, pois ambas ideias estão presentes, o *factum* (feito) e o *natum* (nascido), o ‘sendo feito’, e o ‘sendo nascido’. Cristo era real e verdadeiramente da substância de Sua mãe, tão certamente como qualquer outro infante que nasce no mundo o é. Deus não criou a natureza humana de Cristo em separado e para depois transmiti-la á existência mortal por alguns meios especiais – antes, Seu Filho foi feito e foi nascido de mulher. Ele é, portanto, de nossa raça, um homem como nós e não um homem de outra espécie. Vocês não devem cometer nenhum erro a respeito disso. Ele não só possui uma humanidade, mas possui a nossa humanidade, pois quem é nascido de mulher é um irmão para nós, independente de quando tenha nascido. No entanto, há uma omissão que sem dúvida não foi intencional ao não mostrar qual santa era essa natureza humana, pois Ele é nascido de uma mulher, não de um homem. O Espírito Santo cobriu com Sua sombra à Virgem, e “o Santo Ser” nasceu dela sem o pecado original que pertence a nossa raça por descendência natural. Aqui existe uma humanidade pura, ainda que é uma verdadeira humanidade – uma verdadeira humanidade, ainda que é livre de pecado. Nascido de mulher, era curto de dias, e enfadado de dissabores – nascido de mulher, estava rodeado de nossas debilidades físicas – porem, como não era nascido de homem, Ele estava por completo desprovido de toda tendência ao mal ou ao deleite no mal. Eu lhes rogo que se alegrem nessa íntima aproximação de Cristo conosco. Façam soar os sinos, se não nos

³ “*made of a woman*”, segundo a King James Version

campanários e nas torres, dentro de seus corações, pois jamais seus ouvidos saudaram notícias mais alegres que essas: que aquele que é o Filho de Deus foi também “nascido de mulher”.

Agrega-se adicionalmente que Deus enviou a Seu Filho “*feito sob a lei!*”, ou nascido sob a lei, pois a palavra é a mesma em ambos os casos; e pelos mesmos meios pelos que chegou a nascer de uma mulher, ele veio baixo a lei. E agora admirem e maravilhem-se! O Filho de Deus veio sob a Lei. Ele era o Legislador e o Promulgador, e era também o Juiz e o Executor da Lei, e, com tudo, Ele mesmo veio sob a Lei. Ele esteve sob a lei desde que nasceu de uma mulher; isso o fez voluntariamente, e, no entanto, necessariamente. Ele quis ser homem, e sendo um homem aceitou a posição e esteve no lugar do homem como sujeito à lei da raça. Quando o tomaram e o circuncidaram de acordo à lei, declarou-se publicamente que Ele estava sob a lei. Vocês podem comprovar quão reverentemente observou os mandamentos de Deus durante o resto de Sua vida. Ele tinha inclusive uma consideração escrupulosa para com a lei cerimonial segundo foi dada por Moisés. Desprezava as tradições e as superstições dos homens, porem tinha um elevado respeito pela lei da dispensação.

Ele veio sob a lei moral para render um serviço a Deus em nosso nome. Guardou os mandamentos de Seu Pai. Obedeceu plenamente a primeira e segunda Tábua da Lei, pois amava a Deus com todo Seu coração e a Seu próximo como a Si mesmo. “*O fazer tua vontade, Deus meu, me agradou*” – Ele disse – “*e tua lei está no meio de meu coração*”. Podia dizer verdadeiramente do Pai: “*eu faço sempre o que lhe agrada*”. Contudo, foi algo maravilhoso que o Rei dos reis estivesse sob a lei e, especialmente, que viera sob o castigo da lei, assim como a seu serviço. “*Estando na condição de homem, se humilhou a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz*”. Como era nossa Fiança e Substituto, esteve debaixo da maldição da lei. Foi feito por nós maldição. Tendo tomado nosso lugar e tendo assumido nossa natureza – ainda que Ele mesmo era sem pecado – submeteu-se as rigorosas demandas da justiça, e a seu tempo inclinou Sua cabeça à sentença da morte; “*Ele colocou sua vida por nós*”. Morreu, o justo pelos injustos, para nos levar a Deus. Nesse mistério de Sua encarnação, nessa maravilhosa substituição de Si mesmo pelos pecadores, radica a base desse portentoso progresso que os crentes fizeram quando Jesus veio na carne. Seu advento em forma humana começou a era da maioridade espiritual e da liberdade.

II. Portanto, eu lhe peço agora, em segundo lugar, QUE CONTEMPLAM O GOZOSO RESULTADO PRODUZIDO PELA ENCARNAÇÃO DE NOSSO SENHOR.

Devo voltar ao que disse antes: *a vinda de Cristo colocou um fim e menoridade dos crentes*. Os membros do povo de Deus, entre os judeus, eram filhos de Deus antes que Cristo viesse, porem eram meros bebês ou filhinhos. Eram instruídos nos rudimentos do conhecimento divino por meio de tipos, emblemas, sombras e símbolos – porem quando Jesus veio, esse ensino infantil chegou a seu fim. As sombras desaparecem uma vez que a substância é revelada – os símbolos não são necessários quando a pessoa simbolizada está ela mesma presente. Que grande diferença entre o ensino de nosso Senhor Jesus Cristo quando nos mostra claramente as coisas do Pai, e o ensino dos sacerdotes quando ensinavam por meio de lã escarlate e o hissopo e o sangue! Que diferente é o ensino do Espírito Santo repartido pelos apóstolos de nosso Senhor, e a instrução mediante a utilização de comidas e bebidas e festivais! A antiga economia esta obscurecida pelo incenso, oculta atrás de umas cortinas, protegida de uma aproximação demasiadamente familiar – porem, agora chegamos valorosamente ao Trono e com rosto descoberto contemplamos como em espelho a glória de Deus. O Cristo veio, e agora se abandona a pré-escola e se muda para a universidade do Espírito, por quem somos ensinados pelo Senhor para conhecer como somos conhecidos. O severo governo da lei foi concluído.

Entre os gregos se cria que os garotos e os jovens precisavam de uma cruel disciplina. Enquanto iam a escola eram tratados asperamente por seus pedagogos e tutores. Considerava-se que um garoto só podia absolver a instrução através da sua pele, e que a árvore do conhecimento era originalmente uma Bétula⁴ e, portanto, não se poupava a vara e não havia nenhum abrandamento de abnegações e penalidades. Isso representava adequadamente a obra da lei naqueles crentes primitivos. Pedro fala dela como um jugo que nem eles nem seus pais eram capazes de levar (Atos 15:10). A lei foi promulgada em meio de trovões e chamas de fogo, e era mais apropriada para inspirar um são temor do que uma confiança amorosa. Essas verdades mais doces que são nossa diária consolação eram quase desconhecidas ou pouco de falava delas. Os profetas certamente falaram de Cristo, porem se dedicavam mais frequentemente em proferir lamentações e denuncias contra os filhos corruptos. Parece-me que um dia com Cristo equivaleria a meio século com Moisés. Quando Jesus veio, os crentes começaram a se inteirarem sobre o Pai e de Seu amor, de Sua graça abundante e do reino que havia preparado para eles. Então, foram reveladas as doutrinas do amor eterno, da graça redentora, e da fidelidade do pacto, e ouviram sobre a ternura do Irmão Maior, da graça do grandioso Pai e da habitação do sempre bendito Espírito nas pessoas.

⁴ **Bétula** é um tipo de arbusto do qual nos tempos antigos era associado com poderes místicos e terapêuticos, e foi usada como símbolo de poder, autoridade e louvor (em Roma): Fonte Wikipédia

Era como se tivessem passado da servidão para a liberdade; da infância à idade adulta. Bem aventurados aqueles que em seu dia compartilharam o privilégio da antiga economia, pois ela era uma luz maravilhosa comparada com as trevas pagãs – no entanto, apesar de tudo isso, comparada com a luz do meio-dia que Cristo trouxe, era a simples luz de uma vela. A lei cerimonial sujeitava o homem a uma severa servidão: ‘não deveis comer isso, não deveis ir ali, não deveis vestir isso e não deveis recolher aquilo’. Estava sob restrição por onde quer que fosse e caminhava entre espinhas. Ao israelita se lhe recordava o pecado a cada instante, e lhe advertia de sua perpétua tendência em cair em uma ou outra transgressão. Era muito bom que assim fosse, pois é bom que um homem, enquanto ainda seja jovem, tome o peso do jugo e aprenda a obediência – no entanto, deve ter sido cansativo. Quando Jesus veio, que feliz diferença estabeleceu. Parecia um sonho de júbilo, demasiadamente bom para ser verdade. Pedro não podia crer a principio e necessitou de uma visão que o assegurasse que era assim. Quando viu esse grande lençol que descia, repleto de todo tipo de criatura vivente e de quadrúpedes terrestres, e quando lhe foi ordenado que os matasse e comesse, disse: “*Senhor, não – porque nenhuma coisa comum ou imunda comi jamais*”. Estava em verdade surpreendido quando o Senhor lhe disse: “*O que Deus limpou, não o chames tu comum.*” Essa primeira ordem de coisas “*consiste só em comidas e bebidas, de diversas abluções, e ordenanças sobre a carne, impostas até o tempo de reformar todas as coisas*”; porem Paulo disse: “*Eu sei, e confio no Senhor Jesus, que nada é imundo em si mesmo*”. A proibição a respeito de meros pontos cerimoniais e mandamentos sobre assuntos carnis, está abolida agora, e grande é nossa liberdade – seríamos néscios em verdade se permitíssemos ficarmos enredados de novo com o jugo da servidão. Nossa menoridade terminou quando o Senhor, que falou pelos profetas, nos últimos dias enviou a Seu Filho para nos guiar à forma mais sublime de maturidade espiritual.

É-nos dito a continuação que Cristo veio para *redimir os que estavam sob a lei*; quer dizer, o nascimento de Jesus, Sua vinda sob a lei e Seu cumprimento da lei libertaram da lei, como julgo de escravidão, aos crentes. Nenhum de nós deseja ser livre da lei como regra de vida – nos deleitamos nos mandamentos de Deus, que são santos, justos e bons. Desejamos poder guardar cada preceito da lei sem uma só omissão ou transgressão. Nosso sincero desejo é alcançar uma perfeita santidade, porem não olhamos nessa direção para nossa justificação diante de Deus. Se nos perguntassem hoje: “esperam ser salvos por meio de cerimônias?” Respondemos: “Deus não o queira”. Alguns parecem fantasiar que o batismo e a Ceia do Senhor tomaram o lugar da circuncisão e da Páscoa, e se bem que os judeus eram salvos por uma forma de cerimonial, nós temos que ser salvos por meio de

outra forma. Nunca demos guarida a essa ideia – não, nem sequer por uma hora. O povo de Deus é salvo, não por ritos externos, nem formas nem por superstições sacerdotais fraudulentas, mas sim devido a que “*Deus enviou a Seu filho, nascido de mulher e nascido sob a lei*”, e Ele guardou a lei de tal forma que, por fé, Sua justiça cobre a todos os crentes e não somos condenados pela Lei. Quanto à lei moral, que é a norma de equidade para todo o tempo, não é um caminho de salvação para nós.

Uma vez estivemos sob essa lei e nos esforçávamos para guardá-la com o objetivo de ganhar o favor divino, porem agora não temos tal motivo. A palavra era: “*faz isso, e viverás*”, e, portanto, nos esforçávamos como escravos para escapar do látigo e ganhar nosso salário – porem, já não é mais assim. Antes, nos esforçamos por cumprir a vontade do Senhor para que Ele nos amasse e para que fossemos recompensados pelo que fizemos – mas agora não temos o desígnio de comprar esse favor, pois o desfrutamos segura e livremente sobre uma base muito diferente. Deus nos ama por pura graça e perdoou nossas iniquidades gratuitamente, e isso por uma bondade gratuita. Já somos salvos, e isso não por obras de justiça que tenhamos feito, ou por atos santos que esperamos realizar, mas sim inteiramente pela graça imerecida. E se é por graça, já não é por obras, e é nosso gozo e glória que tudo seja por graça de princípio a fim. A justiça que nos cobre foi feita por Aquele que nasceu de mulher, e o mérito pelo qual entramos no céu é o mérito, não de nossas próprias mãos ou de nossos próprios corações, mas sim Daquele que nos amou e se entregou por nós. Então, somos redimidos da lei porque nosso Senhor foi nascido sob a lei – e nos convertemos filhos e já não mais servos porque o grandioso Filho de Deus se fez servo em nosso lugar.

“O que?!” – alguém dirá – “então você não busca fazer boas obras?” Certamente buscamos fazê-las. Antes falávamos delas, porem agora as realizamos realmente. O pecado não terá domínio sobre nós, pois não estamos sob a lei, mas sim sob a graça. Pela graça de Deus desejamos abundar em obras de santidade, e entre mais possamos servir a nosso Deus, mas felizes somos. Porem isso não é para salvar-nos, pois já somos salvos. Ó filhos de Agar, vocês não podem entender a liberdade do verdadeiro herdeiro, quer dizer, do filho nascido segundo a promessa! Vocês que estão sob escravidão e sentem a força dos motivos legais não podem entender como devemos servir a nosso Pai que está no céu com todo nosso coração e com toda nossa alma, não pelo que obtemos em troca, mas sim porque Ele nos amou, e nos salvou prescindindo de nossas obras. No entanto, assim é. Gostaríamos de abundar em santidade para Sua honra, louvor e glória, porque o amor de Cristo nos constrange. Que privilégio é o cessar do

espírito de escravidão por termos sido redimidos da lei! Louvemos nosso Redentor com todo nosso coração.

Somos redimidos da lei *quanto a sua operação sobre nossa mente*. Agora já não gera nenhum medo em nós. Ouvi que alguns filhos de Deus dizem às vezes: “Bem, porém, não pensa que se caímos em pecado deixaremos de ser objetos do amor de Deus, e então pereceremos?” Isso equivaleria a lançar um estigma contra o imutável amor de Deus. Vejo que comete um erro se pensa que um filho é um servo. Agora, se você tivesse um servo e ele se comportasse mal, você lhe diria: “Você está despedido. Aqui está seu salário. Precisa buscar outro patrão.” Poderia fazer isso com seu filho? Ou fazer isso com sua filha? “Jamais pensaria em algo assim”, você responde. Seu filho é seu por vida. Seu garoto se comportou muito mal contigo, então, porque não lhe deu seu salário e o mandou embora? Você responde de que ele não lhe serve por salário, e que ele é seu filho e não pode ser outra coisa. Justamente assim o é. É necessário reconhecer sempre a diferença entre um servo e um filho, e a diferença entre o pacto de obras e o pacto de graça.

Eu sei como um coração ruim pode fazer muito dano com isso, porém isso não pode ser evitado. A verdade é a verdade. Por acaso um filho haveria de se rebelar porque sempre é e será um filho? Longe disso, é precisamente isso o que o induz a sentir amor em troca. O verdadeiro filho de Deus é guardado do pecado por outras forças superiores ao medo servil de ser lançado fora das portas de seu Pai. Se estão sob o pacto de obras, tenham muito cuidado, pois se não cumprem com toda a justiça, perecerão – se está sob esse pacto, a menos que seja perfeito, estará perdido – um pecado lhe destruirá, um pensamento pecaminoso lhe levará a ruína. Se não foi perfeito em sua obediência, tem que tomar seu salário e ir-se. Se Deus trata contigo segundo suas obras, não haverá nada para ti exceto: “Lança *essa serva e a seu filho*”. Porém se você é um filho de Deus, isso é um assunto diferente – ainda será Seu filho ainda quando Ele lhe corrija por sua desobediência.

“Á” – alguém diz – “então posso viver como me agrada!” Escuta! Se você é um filho de Deus, lhe direi como lhe gostaria de viver. Desejaria viver em perfeita obediência ao Pai, e seria seu apaixonado desejo ser perfeito cada dia, assim como seu Pai que está no céu é perfeito. A natureza dos filhos que a graça implanta é uma lei para si mesma: o Senhor coloca Seu temor nos corações dos regenerados de tal forma que não se apartam Dele. Havendo nascido de novo e tendo sido introduzido na família de Deus, renderá ao Senhor uma obediência que não teria pensando render-lhe se só houvesse sido impelido pela ideia da lei e do castigo. O amor é uma força dominante, e quem sente seu poder odiará todo mal. Entre mais se veja que

a salvação é toda por graça, mais profundo e mais poderoso será nosso amor, e mais trabalhará pelo que é puro e santo.

Não cite a Moisés por motivos de obediência cristã. Não diga: “O Senhor me lançará fora a menos que faça isso ou aquilo”. Tal prática é da serva e de seu filho – porém é muito inapropriada na boca de um herdeiro do céu verdadeiramente nascido de novo. Tire-a de sua boca. Se você é um filho, desonra seu Pai quando pensa que Ele repudiaria aos Seus – você se esquece de sua condição de herdeiro espiritual e de sua liberdade quando teme uma mudança no amor de Jeová. Está muito bem que um mero bebê fale dessa ignorante maneira, e não surpreende que muitos professantes não saibam nada melhor, pois muitos ministros só são evangélicos em parte – porém vocês, que se converteram em homens em Cristo e sabem que Ele os redimiou da lei, não deveriam regressar a tal escravidão. “*Deus enviou a seu Filho, nascido de mulher e nascido sob a lei, para que redimisse aos que estavam sob a lei*”.

Para que outras coisas Jesus veio? Notem adicionalmente, “*a fim de que recebêssemos a adoção de filhos*”. O Senhor Jesus se encarnou e veio para que Seu povo pudesse realizar, desfrutar e apropriar-se plenamente da “adoção de filhos”. Quero que essa manhã vejam se podem fazer isso. Que o Espírito Santo os capacite. O que é receber a adoção de filhos? Pois bem, é sentir: agora estou sob o domínio do amor, como um amado filho, que é por sua vez amado e amoroso. Eu entro e saio da casa de meu Pai, não como um servo temporal, chamado pelo dia ou semana, mas sim como um filho em casa. Não estou buscando ser contratado como um servo, pois estou sempre com meu Pai, e tudo o que Ele tem é meu. Meu Deus é meu Pai e Seu rosto me alegra. Não lhe tenho medo, antes, deleito-me Nele pois nada pode me separar Dele. Sinto um perfeito amor que lança fora o medo, e deleito-me Nele. Tente agora, essa manhã, entrar nesse espírito. Essa é a razão pela que Cristo veio na carne: veio com o propósito de que vocês, povo Seu, sejam adotados plenamente como filhos do Senhor, exercendo e desfrutando de todos os privilégios que a condição de filhos lhes proporciona.

E logo, continuando, *exercem sua condição de herdeiros*. Um que é um filho e que sabe que é um herdeiro de todas as propriedades de seu pai, não padece na pobreza e nem age como um mendigo. Considera que tudo é seu. Considera que a riqueza de seu pai o faz rico. Não pensa que esteja roubando se ele toma aquilo que seu pai lhe herdou, mas sim que o usa livremente. Eu desejaria que os crentes se aproveitassem das promessas e das bênçãos de seu Deus. Sirvam-se com liberdade, pois o Senhor não deixará de dar-lhes nenhuma coisa boa. Todas as coisas são suas – só

necessitam usar a mão da fé. Peçam o que queiram. Se vocês se apropriam de uma promessa, isso não seria uma pilhagem. Podem tomá-la sem temor e dizer: “Isso é meu”. Sua adoção implica grandes direitos – apressem-se em usá-los. “*Se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo*”. Entre os homens, os filhos são só herdeiros – herdeiros por propriedade uma vez que o pai morre – porem nosso Pai que está no céu vive e, no entanto, temos plena herança Nele. O Senhor Jesus Cristo foi nascido de mulher com o propósito de que Seu amado povo pudesse tomar posse de sua herança imediatamente.

Deveria sentir um doce gosto pela relação perpétua que agora foi estabelecida entre Deus e você, pois Jesus é seu irmão. Você foi adotado, e Deus não cancelou jamais nenhuma adoção até esse momento. Existe uma regeneração, mas não há tal coisa como a vida recebida então se extinga. Se é nascido para Deus, é nascido para Deus. As estrelas poderiam se converter em carvões, e o sol e a lua poderiam se converter em coágulos de sangue, porem o que é nascido de Deus possui uma vida interior que não pode terminar nunca – ele é um filho de Deus, e será um filho de Deus. Portanto, deixem que ande por todos os lados como um filho, como um herdeiro, como um príncipe de sangue real que tem uma relação com o Senhor que nem o tempo nem a eternidade poderiam jamais destruir. Essa é a razão pela que Jesus nasceu de uma mulher e formado sob a lei, para que pudesse dar-nos a desfrutar a plenitude do privilégio de filhos adotados.

Sigam-me um pouco mais por um minuto. O seguinte que Cristo nos trouxe ao nascer de mulher é: “Por quanto sois filhos, Deus *enviou a vossos corações o Espírito de Seu Filho*”. Aqui há dois envios. Deus enviou a Seu Filho, e agora envia a Seu Espírito. Porque Cristo foi enviado, por isso o Espírito foi enviado; e agora conhecerão a morada do Espírito Santo devido à encarnação de Cristo. O Espírito de luz, o Espírito de vida, o Espírito de amor, o Espírito de liberdade, o mesmo Espírito que havia em Cristo está em vocês. Esse mesmo Espírito que desceu sobre Jesus nas águas do batismo desceu também sobre vocês.

Você, ó filho de Deus, tem o Espírito de Deus como seu presente Guia e Consolador, e Ele estará contigo para sempre. A vida de Cristo é sua vida, e o Espírito de Cristo é seu Espírito – pelo que esse dia deve ser sumamente feliz, pois você não recebeu de novo o espírito de escravidão para ter medo, mas sim que recebeu o Espírito de adoção.

Aqui terminamos, pois Jesus veio para dar-nos o clamor, assim como o espírito de adoção “*pelo qual clamamos: Abba, Pai!*” De acordo a tradições antigas, nenhum escravo podia dizer: “*Abba, Pai*”, e de acordo à verdade

segundo é em Jesus, ninguém senão um homem que é realmente um filho de Deus e que recebeu a adoção pode falar verdadeiramente: “*Abba, Pai!*” Nesse dia meu coração deseja para cada um de vocês, irmãos meus, que devido a que Cristo nasceu no mundo, vocês possam de imediato cumprir a maioria, e possam dizer nessa hora confiantemente: “*Abba, Pai!*” O grandioso Deus, o Criador do céu e da terra é meu Pai, e me atrevo a declará-lo sem medo de que Ele não reconheça nosso parentesco. O Trovejador, o Governador do mar embravecido, é meu Pai, e apesar do terror de Seu poder, eu me aproximo a Ele em amor. Aquele que é o Destruidor, que disse: “*Convertei-vos, filhos dos homens*”, é meu Pai, e não me alarma o pensamento que me chamará para ir a Ele a seu tempo. Deus meu, Tu que chamarás às multidões dos mortos de suas tumbas para que vivam, eu espero ansiosamente com alegria a hora quando Tu me chamarás e eu te responderei. Faz o que queiras comigo, pois Tu és meu Pai. Sorria, e eu também sorrirei e direi: “*Pai meu*”. Castiga-me e enquanto choro irei clamar: “*Meu Pai*”. Isso fará que tudo seja para bem para mim, ainda que seja muito difícil de carregar. Se Tu és meu Pai tudo está bem para toda a eternidade. A amargura é doce e a morte mesma é vida, posto que Tu és meu Pai.”

Ó, regressem alegremente para casa, vocês, filhos do Deus vivente, dizendo cada um para si: “O tenho, o tenho, tenho aquilo que os querubins diante do trono jamais ganharam: tenho uma relação com Deus do tipo mais próximo e amoroso, e meu espírito tem essa palavra como sua melodia: *Abba, Pai, Abba, Pai!*”

Agora, queridos filhos de Deus, se algum de vocês está em escravidão sob a lei, por que seguir estando-o? Os redimidos sairão livres. Encanta-lhe levar cadeias? Você é como as mulheres chinesas que se deleitam em usar sapatilhas que apertam seus pés? Deleita-se na escravidão? Quer ser cativo? Você não está sob a lei, mas sim sob a graça; permitirá que sua incredulidade o coloque sob a lei? Você não é um escravo. Por que tremer como um escravo? Você é um filho. Você é um herdeiro. Precisa viver de acordo a seus privilégios. Ó, tu, semente desterrada, alegre-te! É adotado na cada de Deus; então, não sejas como um estranho. Ouço que Ismael ri de você – deixá-lo que ria. Conta-lhe dele à teu Pai, que pronto dirá: “*Lança a essa serva e a seu filho.*” O mérito humano não se burlará da graça imerecida; tampouco devemos de nos entristecer pelos pressentimentos do espírito legalista. Nossa alma alegre-se e, como Isaque, se enche de uma risada santa, pois o Senhor Jesus fez grandes coisas por nós, pelas quais nos alegamos. A Ele seja a glória para todo sempre. Amém.

Porção da Escritura lida antes do sermão: Gálatas 3:24-29 ; 4; 5:1-4

O Cântico de Maria

Nº 606

Sermão pregado na manhã de Domingo, 25 de Dezembro de 1864

por Charles Haddon Spurgeon,

no Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres,

“Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador” - Lucas 1:46-47

Maria estava de visita quando expressou sua felicidade na linguagem desse nobre cântico. Seria bom que todas nossas relações sociais fossem tão úteis para nossos corações, como essa visita foi para Maria. *“Ferro com ferro se afia; e assim o homem afia o rosto de seu amigo”*. Maria, cheia de fé, faz uma visita a Isabel, quem estava ensopada de uma santa confiança, e no pouco tempo de estarem reunidas, sua fé remonta-se a plena convicção e sua plena convicção brotava em uma torrente de sagrado louvor. Esse louvor despertou seus poderes adormecidos, e em lugar de aldeãs comuns, vemos diante de nós duas profetizas e a duas poetizas, sobre as quais o Espírito de Deus descansou em abundância.

Quando nos reunimos com nossos parentes e conhecidos, nossa oração a Deus deve implorar que nossa comunhão seja, não somente agradável, mas sim proveitosa, que não se trate simplesmente de passar o tempo e de desfrutar de uma hora agradável, mas sim que possamos nos aproximar ao céu na marcha de um dia, e que possamos adquirir uma maior aptidão para nosso eterno repouso.

Observem, essa manhã, o gozo sagrado de Maria, para que possam imitá-lo. Essa é uma época na que todos esperam que sejamos felizes. Felicitamos-nos uns aos outros desejando que possamos ter um “Feliz Natal”. Alguns cristãos que são um pouco escrupulosos não gostam da palavra “feliz”. É uma boníssima palavra proveniente do antigo saxão, que contém a felicidade da meninice e o júbilo da idade adulta, que traz a nossa mente o antigo canto dos coros natalinos e o repique dos sinos da meia-noite, o azevinho e as lareiras ardendo. Eu amo essa palavra por sua menção em uma das mais ternas parábolas que descreve que, quando o filho pródigo, perdido por tão longo tempo, regressou para casa de seu pai são e salvo, *“começaram a se alegrar”*. Essa é a época se espera que sejamos felizes, e o desejo de meu coração é que, no mais sublime e melhor sentido, vocês, crentes, sejam “felizes”.

O coração de Maria estava alvoroçado dentro dela – porem, aqui está o sinal de seu alvoroço: que se tratava de uma alegria santa e cada uma de suas gotas era de um reboiço sagrado. Não era um alvoroço com o quão os mundanos desfrutaram de suas farras hoje e amanhã, mas sim um júbilo como o que os anjos desfrutaram ao redor do trono onde cantam: “Glória a Deus nas alturas”, enquanto nós cantamos: “E na terra paz, boa vontade para com os homens”. Tais corações ditosos gozam de um festival continuou. Eu quero que vocês, ‘os que estão nas bodas’, possuam hoje e amanhã, sim, possuam em todos seus dias a sublime e consagrada bem-aventurança de Maria, para que não somente possam ler suas palavras, mas que as usem em vocês mesmos, experimentando sempre seu significado: “Engrandece minha alma ao Senhor; meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”.

Em primeiro lugar, observem que *ela canta* – em segundo lugar, *ela canta docemente* – em terceiro lugar, pergunto, *haverá de cantar sozinha?*

I. Observem primeiro que MARIA CANTA.

Seu tema é um Salvador; ela aclama ao Deus encarnado. O longamente esperado Messias está a ponto de aparecer. Aquele a quem os profetas e os príncipes esperaram durante longo tempo, está a ponto de vir e de nascer da virgem de Nazaré. Em verdade jamais houve um tema para o mais doce cântico que esse: a condescendência da Deidade para com a fraqueza da humanidade. Quando Deus manifestou Seu poder nas obras de Suas mãos, as estrelas matutinas cantaram em coro e os filhos de Deus deram gritos de júbilo – porem quando Deus se manifesta *Ele mesmo*, que música bastaria para o grandioso salmo de assombro adorador? Quando a sabedoria e o poder são vistos, não são vistos senão os atributos – porem na encarnação, é a pessoa divina quem é revelada no véu de nossa inferior argila: Maria bem poderia cantar, já que a terra e o céu mesmo agora se maravilham diante da graça condescendente. Digna de uma música sem comparação é a notícia de que “o Verbo foi feito carne, e habitou entre nós.” Já não existe mais um grande abismo estendido entre Deus e Seu povo, pois a humanidade de Cristo construiu uma ponte sobre ele. Já não pensamos mais que Deus assenta-se no alto, indiferente as necessidades e aflições dos homens, pois Deus nos visitou e desceu até a baixeza de nossa condição. Não necessitamos nos lamentar mais porque não possamos jamais participar da glória moral e da pureza de Deus, pois se Deus em glória desce até Sua criatura pecaminosa, é certamente mesmo difícil levar essa criatura – lavada com o sangue e purificada – às alturas por essa via

adornada de estrelas, para que o redimido se sente para sempre em Seu trono.

Não devemos sonhar mais, sumidos em sombria tristeza, que não podemos nos aproximar a Deus, e quer Ele não ouvirá realmente nossa oração, nem se compadecerá de nossas necessidades, se vemos que Jesus se converteu em osso de nossos ossos e carne de nossa carne: um bebê nascido igual que nós, vivendo a vida que nós temos que viver, carregando com as mesmas debilidades e aflições, e inclinando Sua cabeça diante da mesma morte.

Ó, não podemos vir com ousadia por esse caminho novo e vivo e apelar ao trono da graça celestial, quando Jesus reúne-se conosco como Emanuel, Deus conosco? Os anjos cantaram sem quase saber a razão. Podiam entender o porquê que Deus havia se feito homem? Devem ter conhecido que aí havia um mistério de condescendência – porem todas as amorosas conseqüências que a encarnação implicaram, nem suas agudas mentes teriam podido adivinhar; porem, nós vemos tudo, e compreendemos mais plenamente o grandioso desígnio. A manjedoura em Belém era grande em glória – na encarnação estava envolvida toda a bem-aventurança mediante a qual uma alma, arrebatada das profundezas do pecado, é alçada às alturas da glória. Nosso maior conhecimento não nos conduzirá a alturas de canto que as conjecturas angelicais não podiam alcançar? Por acaso os lábios dos querubins serão movidos a dizer sonetos ardentes e nós, que somos redimidos pelo sangue do Deus encarnado, vamos ficar traiçoeira e ingratamente calados?

*Não cantaram os arcanjos Tua vinda?
Não aprenderam os pastores Sua direção?
A vergonha me cobriria por ingrato,
Se minha língua se recusasse a louvar”*

Esse, no entanto, não foi o tema completo de seu santo hino. Seu peculiar deleite não era que um Salvador devia nascer, mas sim que devia *nascer para ela*. Ela era bendita entre as mulheres e altamente favorecida do Senhor – porem, *nós* podemos desfrutar do mesmo favor – e mais, nós devemos desfrutar dele ou a vinda do Salvador não nos serviria de nada para nós. Eu sei que Cristo no Calvário tira o pecado de Seu povo. Porem, ninguém conheceu jamais o poder de Cristo na cruz, a menos que o Senhor seja formado no indivíduo como a esperança de glória.

A ênfase do cântico da virgem está colocada sobre a graça especial de Deus para com ela. Essas breves palavras, esses pronomes pessoais, nos informam que se tratava realmente de um assunto pessoal com ela.

“*Engrandece MINHA alma ao Senhor, e MEU espírito se alegra em Deus MEU Salvador*”. O Salvador era, de forma peculiar e em um sentido especial, seu. Ao cantar, ela não disse: “Cristo para todos”, mas sim que seu alegre tema foi: “Cristo para mim”.

Amados, Cristo Jesus está em seu coração? Uma vez o olharam desde um ponto distante, e esse olhar os curou de todas suas enfermidades espirituais, porem, agora vivem descansando Nele, e o recebem em suas próprias entranhas como seu alimento e bebida espirituais? Vocês frequentemente se alimentaram de Sua carne e beberam de Seu sangue em santa comunhão – foram sepultados juntamente com Ele para morte pelo batismo – vocês se entregaram em sacrifício a Ele e o tomaram como sacrifício para vocês; podem cantar sobre Dele como a esposa o fez: “*Sua esquerda está debaixo de minha cabeça, e sua direita me abraça... Meu amado é meu, e eu sou sua – Ele apascenta entre os lírios.*”

Esse é um feliz estilo de vida, e todo o que não chegue a isso é um pobre trabalho de escravos. Ó, vocês não podem conhecer o gozo de Maria a menos que Cristo se converta em seu, real e verdadeiramente – porem, á, quando Ele é seu, seu interiormente e reina em seu coração, e controla todas suas paixões, e transforma sua natureza, e subjuga suas corrupções inspirando-lhes santas emoções, seu no íntimo, sendo uma alegria indizível e cheia de glória – ó, então *podem* cantar, *devem* cantar, quem poderia calar suas línguas? Ainda que todos os burladores e os escarnecedores de terra lhes pedissem que se calassem, vocês *teriam* que cantar, pois seus espíritos devem se regozijar em Deus seu Salvador.

Perderíamos muita instrução se passássemos por alto o fato de que o poema escolhido que temos diante de nós é *um hino de fé*. O Salvador ainda não havia nascido, e tampouco, até onde podemos julgar, tampouco a virgem tinha alguma evidência do tipo requerido pelo sentido carnal para fazê-la crer que um Salvador nasceria dela. ‘Como isso poderia ser?’, era uma pergunta que naturalmente poderia ter suspenso seu cântico enquanto não recebesse uma resposta convincente para carne e sangue – porem, não tinha surgido tal resposta. Ela sabia que para Deus todas as coisas são possíveis e um anjo lhe havia entregado essa promessa, e isso lhe bastava: pela força da Palavra que saiu de Deus, seu coração saltou de alegria e sua língua glorificou Seu nome.

Quando considero o que é o que ela creu, e como recebeu a palavra sem duvidar, estou disposto a dar-lhe como mulher, um lugar quase tão proeminente como o que Abraão ocupou como homem – e se não me atrevo de chamá-la de mãe dos fiéis, pelo menos deve receber a honra

devida como uma das mais excelentes mães de Israel. Maria merecia com crédito a benção de Isabel: “Bem-aventurada a que creu”. Para ela “a certeza do que se espera foi sua fé, e fé foi também sua convicção do que não se vê” – ela sabia pela revelação de Deus, que devia levar a semente prometida que feriria a cabeça da serpente – porém, não tinha nenhuma outra prova.

Nesse dia há alguns em nosso meio que possuem pouco ou nenhum gozo consciente da presença do Salvador – caminham e trevas e não enxergam nenhuma luz – gemem pelo pecado inato e se lamentam porque as corrupções prevalecem – devem confiar agora no Senhor, e lembrar que se crêem no Filho de Deus, Cristo Jesus está neles, e por fé, muito bem podem cantar gloriosamente a aleluia do amor adorador. Ainda que o sol não brilhe hoje, as nuvens e as névoas não apagaram sua luz, ainda que o Sol da Justiça não brilhe sobre você nesse instante, mantém Seu lugar nesses céus e não conhece variabilidade nem a sombra de uma mudança. Se, apesar de todas suas escavações, o poço não brota, deve saber que uma constante plenitude permanece nessa profundidade, que se esconde por trás do coração e propósito de um Deus de amor. Se como Davi, você está abatido como ele esteve, diga à sua alma: “*Espera em Deus, porque ainda hei de louvarte, salvação minha e Deus meu*”. Então, alegre-se com a alegria de Maria: o gozo de um Salvador que é completamente seu, mas que é evidenciado como tal não pelo sentido, mas sim pela fé. A fé possui sua música igual que o sentido, mas é de uma classe mais divina: se as comidas fartas nas mesas fazem com que os homens cantem e dancem, os festejos de uma natureza mais refinada e etérea enchem os crentes de uma santa plenitude de deleite.

Ainda ouvindo o cântico da virgem favorecida, permitam-me observar que sua baixeza não a fez *parar seu cântico* – melhor, insere nele uma nota mais doce. “Porque *há olhado para a baixeza de sua serva.*” Querido amigo, você está sentindo mais intensamente que nunca a profundidade de sua natural depravação, e é abatido sob o sentido de suas muitas falhas, e está tão morto e tão ligado à terra ainda mesmo nessa casa de oração que não pode se levantar para Deus – Tem estado triste e deprimido, enquanto nossas cantatas de Natal ressoaram em seus ouvidos – se sente hoje tão inútil para a Igreja de Deus, tão insignificante, tão completamente indigno, que sua incredulidade lhe sussurra: “Em verdade, em verdade, não possui nenhum motivo para cantar”.

Vamos, meu irmão, vamos, minha irmã, imitem essa bendita virgem de Nazaré, e convertam a essa própria baixeza e insignificância que sentem tão dolorosamente, em uma razão para uma louvação incessante. Filhas de

Sião, digam docemente em seus hinos de amor: “*Tem olhado para baixeza de sua serva*”. Entre mais indigno sou de Seus favores, mais docemente cantarei de Sua graça. O que importa que eu seja o mais insignificante de todos Seus escolhidos? – eu louvarei Àquele que com olhos de amor me buscaram, e puseram Seu amor em mim. “*Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeu essas coisas dos sábios e entendidos, e as revelou aos meninos. Sim, Pai, porque assim lhe agradou*”.

Queridos amigos, estou seguro de que o recorde de que há um Salvador e de que esse Salvador é seu, deve fazer-lhes cantar – e se colocam junto a esse pensamento de que uma vez foram pecadores, imundos, vis, odiosos e inimigos de Deus, então suas notas se remontarão mais alto, e chegarão até o terceiro céu para ensinar o louvor de Deus às harpas de ouro.

É muito digno de ser advertir que a *grandeza da benção prometida* não lhe deu à doce cantante um argumento para suspender seu agradecido tom. Quando medito sobre a grande bondade de Deus ao amar a Seu povo antes que a terra existisse, ao entregar Sua vida por nós, ao interceder por nossa causa diante do trono eterno, ao dispor um paraíso de repouso para nós para sempre, um negro pensamento me perturbou: “Certamente esse é um privilégio demasiadamente sublime para um inseto de um dia como é essa pobre criatura, o homem”. Maria não contemplou esse assunto incredulamente, mas sim que se alegrou mais intensamente por isso mesmo. “*Porque grandes coisas o Poderoso me há feito*”.

Vamos, alma, é grandioso ser um filho de Deus, porem, como seu Deus faz grandes portentos, não vacile motivado pela incredulidade, mas sim triunfe em sua adoção ainda que seja uma grande misericórdia. Ó, é uma poderosa misericórdia, mais alta que os montes, ser eleito por Deus desde toda eternidade, porem é uma verdade que seus redimidos são eleitos assim, e, portanto, cante motivado por isso. É uma profunda e indizível benção ser redimido com o precioso sangue de Cristo, mas você é redimido assim mais além de toda dúvida. Portanto, não duvide, antes, dê altos gritos pela alegria de seu coração. É um pensamento arrebatador que more acima, e que leve a coroa, e agite a rama de palma para sempre – que nenhuma desconfiança interrompa a melodia de seu salmo de expectação, e melhor ainda:

***“Para a exaltação sonora do amor divino,
Peça a cada corda que desperte.”***

Que plenitude de verdade há nessas poucas palavras: “*Grandes coisas me há feito o Poderoso*”. É um texto a partir que um espírito glorificado no céu

poderia pregar um sermão sem fim. Peço-lhe que guarde os pensamentos que lhe sugeri dessa pobre maneira, e que trate de chegar ao sítio onde Maria esteve, gozando de santa exultação. A graça é grande, porem também o seu doador o é – o amor é infinito, e também o coração do qual brota – a bem-aventurança é indescritível, porem a sabedoria divina que a planejou desde tempos antigos também a é. Que nossos corações se apropriem do “Magnificat”, o “faça-se” da Virgem, e louvem ao Senhor muito alegremente nessa hora.

Ademais, posto que não esgotamos a melodia – a santidade de Deus esfriou o ardor do gozo do crente – porem não foi assim no caso de Maria. Ela se alegra nele: “*Santo é seu nome*”. Incorpora esse brilhante atributo em seu cântico. Santo Senhor, quando esqueço meu Salvador, o pensamento de Sua pureza me faz estremecer – quando estou onde Moises esteve no santo monte de Sua Lei, estou espantado e tremendo! Para mim, consciente de minha culpa, nenhum ribombar poderia ser mais terrível do que o hino do serafim: “*Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exércitos!*” Que é Sua santidade senão fogo consumidor que tem que destruir-me completamente, sendo eu um pecador? Se os céus não são puros diante de Seus olhos, e notas needade em Seus anjos, quanto menos então pode suportar ao homem vão e rebelde, nascido de mulher? Como pode o homem ser puro e como podem Seus olhos o ver sem rapidamente consumir-lhe em Sua ira? Porem, ó Tu, o Santo de Israel, quando meu espírito está no Calvário e pode ver Sua santidade vindicar-se a si mesma nas feridas do homem que nasceu em Belém, então meu espírito se alegra nessa gloriosa santidade que uma vez foi seu terror. Inclinou-se até o homem o três vezes santo Deus e assumiu a carne do homem? Então, em verdade, há esperança! Um santo Deus suportou a sentença que Sua própria lei pronunciou contra o homem? Esse Deus santo encarnado estende Suas feridas e intercede por mim? Então, alma minha, a santidade de Deus deve ser uma consolação para você. Extrairei águas vivas desse poço sagrado, e agregarei a todas minhas notas de júbilo essa outra: “*Santo é seu nome*”. Ele jurou por Sua santidade, e não mentirá, guardará Seu pacto com Seu ungido e com Sua semente para sempre.

Quando, como sobre asas de anjos, nos remontamos ao céu em santo louvor, a perspectiva se abre debaixo de nós – de igual maneira, quando Maria se cinge com a asa poética, olha ao longo das passagens do passado, e contempla os poderosos atos de Jeová nas eras transcorridas há muito tempo. Observem como a melodia adquire majestade – trata-se mais bem do vôo de Ezequiel, o de asas de águia, que da agitação da tímida pomba de Nazaré. Ela canta: “*E a Sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem.*”. Olha mais além do cativo, aos dias dos reis, a

Salomão, a Davi, através dos juízes e até chegar ao deserto, e através do mar Vermelho para Jacó, a Abraão, e segue seu transcorrido até que detendo-se na porta do Éden, ouve o som da promessa: “*A semente da mulher ferirá a cabeça da serpente*”. Quão magnificamente resume o livro das guerras do Senhor, e repassa os triunfos de Jeová: “*Com o seu braço agiu valorosamente; Dissipou os soberbos no pensamento de seus corações.*” Quão deleitadamente a misericórdia é mesclada com o juízo no seguinte canto de seu salmo: “*Depôs dos tronos os poderosos, E elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, E despediu vazios os ricos.*”

Meus irmãos e irmãs, também cantemos do passado, glorioso em fidelidade, temível em juízo, fecundo em portentos. Nossas próprias vidas nos proporcionarão um hino de adoração. Falemos das coisas que experimentamos tocantes ao Rei. Estávamos famintos e Ele nos encheu de coisas boas – encurvou-se sobre o monturo com o mendigo, e nos entronizou entre os príncipes – fomos sacudidos pela tempestade, porem com Eterno Piloto ao timão, não tivemos medo de naufragar – fomos lançados dentro de um forno ardente, mas a presença do Filho do Homem apaziguou a violência das chamas.

Proclamem, ó vocês, filhas da música, a longa história da misericórdia do Senhor para com Seu povo nas gerações já passadas. As muitas águas não puderam apagar Seu amor, nem os rios afogá-lo – a perseguição, a fome, a nudez, os perigos, a espada, nada disso separou aos santos do amor de Deus, que é em Cristo nosso Senhor. Os santos, sob a asa do Altíssimo, sempre estiveram seguros. Quando foram mais assediados pelo inimigo, moraram em perfeita paz: “*Deus é nosso amparo e fortaleza, nosso presente auxílio nas tribulações*”. Atravessando às vezes a onda cor vermelha de sangue, o barco da Igreja não se desviou jamais de seu predestinado caminho de progresso. Cada tempestade favoreceu-a – o furacão que buscava sua ruína se viu obrigado a levar ela adiante mais rapidamente. Sua bandeira desafiou nesses mil e oitocentos anos a batalha e a agitação, e não teme para nada o que possa sobrevir ainda. Porem, vejam aqui, aproxima-se ao porto – o dia está amanhecendo quando darão adeus às tormentas – as ondas se acalmaram sob ela – o repouso longamente prometido está à mão – Jesus mesmo encontra-se com ela, caminhando sobre a águas, entrará em seu porto eterno e todos os que vão a bordo cantarão de gozo com seu Capitão e triunfarão e cantarão vitória por meio Daquele que a amou e foi seu libertador.

Quando Maria afinou assim seu coração para glorificar a Deus nela por Suas maravilhas do passado, enfatizou particularmente a nota *da eleição*. A nota mais alta da escala de meu louvor é alcançada quando minha alma

canta: “*Eu amo a Ele, porque Ele me amou primeiro*”. Kent o expressa muito bem dessa forma:

***“Um monumento à graça.
É um pecador salvo pelo sangue;
Eu rastreou as correntes do amor***

***Até sua fonte: Deus;
E em Seu poderoso peito veio,
Eternos pensamentos de amor por mim.”***

Difícilmente poderíamos voar mais alto do que a fonte do amor no monte de Deus. Maria sustenta a doutrina da eleição em seu cântico: “*Depôs dos tronos os poderosos, E elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, E despediu vazios os ricos.*”. Ai percebemos à graça que distingue, a consideração que discrimina; ai, a alguns se lhes permite que pereçam; ali estão outros, os menos merecedores e os mais obscuros, que são feitos objetos especiais do afeto divino.

Não tenha medo de ressaltar essa excelsa doutrina, amado irmão no Senhor. Permita-me assegurar que quando sua mente está mais triste e caída, descobrirá que isso é um vaso que contém o mais delicioso medicamento. Aqueles que duvidam dessas doutrinas, ou que as arrojam à fria sombra, perdem dos mais ricos ramos de Escol – perdem dos vinhos refinados e dos grossos tutanos, porem vocês que, em razão dos anos, tiveram seus sentidos exercitados para discernir entre o bem e o mal, vocês sabem que não existe mel como esse, não há uma doçura comparável a ele. O mel no bosque de Jonatas, quando era tocado, iluminava os olhos para ver, porem esse é o mel que iluminará seu coração para amar e aprender os mistérios do reino de Deus.

Comam, então, e não tenham medo de se enjoarem – alimentem-se dessa seleta delicia, e não tenham medo de se cansarem dela, pois quanto mais saibam, mais desejarão saber, quanto mais cheia estiver sua alma, mais desejarão que sua mente seja expandida, para poder compreender mais o amor de Deus que é eterno, imperecível e discriminador.

Porem, farei mais um comentário sobre esse ponto. Vocês vêem que Maria não terminou seu cântico até não ter chegado *ao pacto*. Quando se remonta até um ponto tão alto como a eleição, demore-se em seu monte irmão, que é o pacto da graça. No último verso de seu cântico, ela canta: “*Como falou a nossos pais, para com Abraão e a sua posteridade, para sempre*”. Para

ela, esse era o pacto – para nós, que temos uma luz mais clara, o antigo pacto feito na câmara do conselho da eternidade, é o tema do maior deleite. O pacto com Abraão, em seu melhor sentido, só uma copia menor desse pacto de graça feito com Jesus, o Pai eterno dos fiéis, antes que os céus azuis fossem estendidos. Os compromissos do pacto são suaves almofadas para uma cabeça dolorida – os compromissos do pacto com a fiança, Cristo Jesus, são os melhores sustentadores de um espírito trêmulo:

***“Seu juramento, Seu pacto, Seu sangue,
Sustentam-me na feroz inundação;
Quando todo apoio terrenal caia,
Segue sendo minha fortaleza e meu sustento.”***

Se Cristo efetivamente jurou levar-me à glória, e se o Pai jurou entregar-me ao Filho para formar parte da infinita recompensa pela aflição de Sua alma, então, alma minha, enquanto Deus mesmo não seja infiel, enquanto Cristo não cesse de ser a verdade, enquanto o conselho eterno de Deus não se converta em mentiroso e o vermelho pergaminho de Sua eleição não seja consumido pelo fogo, você está segura. Descanse, então, em perfeita paz, venha o que venha; tire sua harpa de cima dos salgueiros e que seus dedos não parem de tocá-la seguindo os acordes da mais rica harmonia. Ó, que recebamos graça de principio à fim para nos unirmos a Maria em seu cântico.

II. Em segundo lugar, MARIA CANTA DOCEMENTE. Ela louva a *Deus com todo seu coração*. Observem como adentra até o centro do tema. Não há um prefácio, mas sim *“Engrandece minha alma ao Senhor; meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”*. Quando algumas pessoas cantam, dão a impressão de que têm medo de ser ouvidas. Nosso poeta declara:

***“Com todos meus poderes de coração e língua
Louvarei meu Criador em meu canto;
Os anjos ouvirão as notas que elevo,
Aprovarão o canto, e se unirão no louvor.”***

Temo que os anjos frequentemente não escutam esses pobres sussurros, fracos e desfalecentes, que muitas vezes brotam de nossos lábios simplesmente pela força do costume. Maria é todo coração – evidentemente sua alma está ardendo – enquanto ela medita, o fogo arde, logo expressa sua emoção com palavras. Nós também devemos recolher nossos pensamentos dispersos, e devemos despertar nossos poderes adormecidos para louvar ao amor redentor. Maria usa uma nobre palavra: *“Engrandece*

minha alma ao Senhor”. Eu suponho que isso significa: “Minha alma se esforça por engrandecer a Deus por meio do louvor”. Ele é tão grande, como poderia ser em Seu ser – minha bondade não pode magnificar-lhe, porém minha alma deseja engrandecer a Deus nos pensamentos dos demais, e engrandecê-lo em meu próprio coração. Eu desejaria dar ao cortejo de Sua glória um maior alcance – eu desejaria refletir a luz que Ele me há dado – quisera converter em amigos a Seus inimigos, eu desejaria converter os pensamentos ásperos sobre Deus em pensamentos de amor. “*Engrandece minha alma ao Senhor*”. O velho Trapp disse: “minha alma desejaria criar um maior espaço para ele”. É como se Maria quisesse absorver mais de Deus, como Rutherford, quando disse: “Ó, que meu coração fosse tão grande como o céu, para que eu pudesse conter a Cristo nele!” – e logo, se coloca um ‘porém’ a si mesmo: “Porém, os céus e a terra não podem contê-Lo. Ó, que tivera um coração tão grande que sete céus, para poder assim conter a todo o Cristo dentro dele”. Verdadeiramente, esse é um desejo maior do que poderíamos jamais esperar que fosse cumprido, no entanto, nossos lábios cantarão ainda: “*Engrandece minha alma ao Senhor.*” Ó, se pudesse coroá-lo, se pudesse colocá-lo mais acima! Se o fato de que fosse queimado na fogueira pudesse acrescentar tão somente uma fagulha de mais luz para Sua glória, eu seria feliz por sofrê-lo. Se o fato de que eu fosse aplastado pudesse levantar um tantinho mais a Jesus, feliz seria a destruição que acrescentaria a Sua glória! Tal é o espírito de entrega do cântico de Maria.

Mais, seu louvor é *muito alegre*: “Meu espírito *se alegra* em Deus meu Salvador.” A palavra no grego é muito notável. Eu creio que é a mesma palavra que é usada na passagem: “*Folgai nesse dia, exultai*” (Lucas 6:23). Acostumávamos ter uma antiga palavra em inglês que descrevia a um certo baile de celebração, “a galliard” - uma galharda. Era um baile no que se dava saltos⁵; os antigos comentaristas o chamam um levante. Maria, de fato, declara: “Meu espírito haverá de dançar como Davi diante da arca, dará saltos, pulará, saltitará e regozijará em Deus meu Salvador”. Quando nós louvamos a Deus, não deveria ser com notas dolorosas ou melancólicas. Alguns de meus irmãos louvam sempre a Deus com a nota mais baixa, ou em profundo, profundo baixo – não podem se sentir santos enquanto não estejam melancólicos. Por que alguns homens não podem adorar a Deus exceto com uma cara larga? Os conheço por sua simples maneira de caminhar quando eles vêm à adoração: que passo terrível o deles! Não entendem o Salmo de Davi:

⁵ A **galharda** (inglês= galliard,) foi uma forma musical e dança do Renascimento, popular em toda Europa no Século XVI. Foi o baile favorito da rainha Elizabeth I de Inglaterra.

***“A seus átrios, com gozos desconhecidos,
As sagradas tribos apelam.”⁶***

Não, esses indivíduos sobem à casa de Seu Pai como que se dirigissem à cadeia, e adoram a Deus nos domingos como se fosse o dia mais triste da semana! Se diz de um certo habitante das zonas altas da Escócia – quando os habitantes dessa região eram muito piedosos – que uma vez esse tal foi a Edimburgo, e quando retornou de sua viagem comentou que tinha visto um terrível espetáculo ao domingo, pois tinha visto a certas pessoas em Edimburgo que iam à igreja com rostos alegres. Ele considerava que era perverso achar-se feliz aos domingos. Esse mesmo conceito existe nas mentes de certas boas pessoas daqui – imaginam que quando os santos se reúnem devem se sentar, e experimentar uma pequena e cômoda infelicidade e só um pouco de deleite. Em verdade, gemer e abater-se não é caminho designado para adorar a Deus. Devemos tomar a Maria como uma norma. Eu a recomendo todo ano como um exemplo para os que estão turbados e têm um coração desfalecente. *“Meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”*.

Cessem de se alegrarem nas coisas sensuais, e não tenham nenhuma comunhão com os prazeres pecaminosos, pois todo esse regozijo é maligno, mas vocês não podem se alegrar em demasia no Senhor. Eu creio que o problema de nossa adoração pública é que somos demasiadamente sóbrios, frios e formais. Eu não admiro precisamente os abruptos rompantes de nossos amigos metodistas primitivos quando se desenfream, mas eu não colocaria nenhuma objeção a ouvir uma “ALELUIA!” dito de todo coração de vez em quando. Uma entusiasta explosão de exultação poderia acalantar nossos corações – o grito de “Glória!” poderia acender nossos espíritos.

Isso sei, que não me sinto mais pronto para a verdadeira adoração do que quando estou pregando no País de Gales, quando ao longo de todo o sermão o pregador é auxiliado, mais que interrompido, pelos gritos de: “Glória a Deus!” e “Bendito seja Seu nome!” Vamos, nesse momento o sangue começa a arder, e a alma de um é sacudida, e essa é a verdadeira maneira de servir a Deus com alegria. *“Alegram-se no Senhor, sempre, Outra vez digo: Regozijai-vos!” “Meu espírito se alegra em Deus meu Salvador.”*

⁶ Spurgeon diz: *They do not understand David's Psalm: “Up to her courts with joys unknown, The sacred tribes repair”* Não encontrei por meio de minhas ferramentas usuais a que Salmo ele se refere, pelo que a tradução é minha (*Nota de Allan Roman, tradutor do sermão do inglês ao espanhol, base dessa tradução*)

Em terceiro lugar, Maria canta docemente porque *canta confiadamente*. Não para a perguntar-se: “Tenho algum direito de cantar?”, mas bem diz: “*Engrandece mina alma ao Senhor – e meu espírito de alegre em Deus meu Salvador. Porque olhou para baixeza de Sua serva*”. O “se” é um triste inimigo de toda felicidade cristã – “porem”, “porventura”, “dúvida”, “conjeturar”, “suspeitar”, esses constituem uma raça de salteadores de meio de estrada que espiam aos pobres peregrinos tímidos e lhes roubam o dinheiro de seus gastos. As harpas pronto desafinam e quando sopra o vento desde o reduto da dúvida, as cordas se rompem ao menor toque. Se os anjos do céu pudessem abrigar alguma dúvida, isso converteria o céu em um inferno. “Se és Filho de Deus” foi a arma covarde brandida pelo antigo inimigo contra nosso Senhor no deserto. Nosso grande inimigo conhece bem qual arma é a mais perigosa.

Cristão, coloque o escudo da fé sempre que veja a adaga envenenada pronta a ser usada contra você. Temo que alguns de vocês alimentam suas dúvidas e temores. Bem poderiam incubar jovens víboras e criar um basilisco. Pensam que é um sinal de graça terem dúvidas, ainda que melhor é um sinal de debilidade. Se duvidam da promessa de Deus, isso não demonstra que não possuem nada de graça, porem demonstra, em verdade, que precisam de mais graça, pois se tivessem mais graça, receberiam a Palavra de Deus tal como Ele a dá, e se diria de vocês como se disse de Abraão, que “*tampouco duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus, mas sim que se fortaleceu em fé, dando glória a Deus, plenamente convencido de que era também poderoso para fazer tudo o que havia prometido.*” Que Deus lhes ajudem a desfazerem-se de suas dúvidas. Ó, essas são coisas diabólicas! Essa é uma palavra muito dura? Encantar-me-ia encontrar uma mais dura. São criminais, são rebeldes que buscam roubar de Cristo Sua glória – são traidoras que lançam lama sobre o escudo de armas de meu Senhor. Ó, são vis traidoras – a alcem sobre a forca que deve ser tão alta como a de Hamã – lancem-nas por terra, e deixem que apodreçam como carniça, ou enterrê-las com o enterro de um asno! As dúvidas são aborrecidas por Deus e também devem ser aborrecidas pelos homens. São cruéis inimigas de suas almas, lesionam a sua utilidade e os despojam em todos os sentidos. Eliminem-nas com a espada do Senhor e de Gideão! Por fé na promessa busquem lançar fora esses cananeus e possuam a terra. Ó, vocês, homens de Deus, falem com confiança, e cantem com sagrado júbilo.

Há algo mais que confiança em seu cântico. Maria canta com *grande familiaridade*, “*Engrandece minha alma ao Senhor, e meu espírito se alegre em Deus meu Salvador... Porque me fez grandes coisas o Poderoso; Santo é seu nome*”. Esse é o cântico de alguém que se aproxima muito de perto de seu Deus em amorosa intimidade. Eu sempre tenho uma ideia

quando escuto a leitura da liturgia: que é a adoração de um escravo. As palavras e as frases não são um problema para mim. Talvez, de todas as composições humanas, o serviço litúrgico da Igreja da Inglaterra seja, com algumas exceções, o mais nobre, porem só é bom para escravos, ou, supondo o melhor, para súditos. Ao longo de todo o serviço, um sente que há um cerco que rodeia a montanha, tal como no Sinai. Sua “litanias” é o lamento de um pecador, e não o feliz triunfo de um santo. O serviço gera uma escravidão, e não contém nada do espírito confiante da adoração. Contempla ao Salvador desde muito longe, como alguém que há de ser temido mais bem que amado, e que deve ser considerado temível em lugar de deleitar-se Nele. Não tenho dúvida de que se adéqua àqueles cuja experiência os conduz a colocar os dez mandamentos próximos da mesa da comunhão, pois evidenciam por isso que seus tratos com Deus são ainda sobre os termos de servos e não de filhos.

No que a mim diz respeito, eu preciso de uma forma de adoração na que possa aproximar-me a meu Deus, e acercar-me inclusive a Seus pés, expondo meu caso diante Dele, e ordenando minha causa com argumentos, falando com Ele como um amigo fala com seu amigo, ou um filho fala com seu pai – de outra forma, a adoração vale muito pouco para mim.

Nossos amigos da Igreja Episcopal, quando vêm aqui, são naturalmente impactados pelo nosso serviço, o vendo como irreverente porque é muito mais familiar e atrevido que o seu. Temos de nos guardar cuidadosamente de ter que merecer realmente essa critica, e então não deveríamos temê-la, pois uma alma renovada deseja vivamente precisamente esse tratamento que o formalista chama irreverente. Falar com Deus como meu Pai, tratar com Ele como com Um que cujas promessas são verdadeiras para mim, e a quem eu, um pecador lavado no sangue e vestido com a justiça perfeita de Cristo, posso vir com valor, sem ter que ficar ao longe. Eu digo que isso é algo que o adorados dos átrios exteriores não pode entender.

Há alguns de nossos hinos que falam de Cristo com tal familiaridade que o crítico impassível diz: “Não gosto de tais expressões. Eu não poderia cantar elas”. Estou plenamente de acordo contigo, senhor crítico, já que a linguagem não lhe conviria bem a você, posto que é um estranho, porem, um filho pode dizer mil coisas que um servo não pode. Lembro que um ministro alterou um de nossos hinos que diz:

***“Que recusem cantar
Os que jamais conheceram nosso Deus;
Porem, os favoritos do Rei celestial
Podem expressar livremente seus gozos”.***

Ele mudou dessa maneira:

“Porem, os SÚDITOS do Rei celestial.”

Sim, e quando o expressou, eu pensei: “isso é correto, você está cantando o que sente – você não sabe nada da graça que discrimina nem das manifestações especiais, e portanto, se apega a seu nível inato, que é de *súdito* do rei celestial”. Porem, ó, meu coração necessita de uma adoração que possa sentir e expressar o sentimento de que sou um favorito do rei celestial, e que portanto, posso cantar de Seu amor especial, de Seu favor manifesto, de Suas doces relações e de Sua misteriosa união com minha alma. Nunca estará bem enquanto não lhe faça a pergunta: “Senhor, como é que se manifesta a nós, e não ao mundo?” Existe um segredo que nos é revelado, e que não é revelado ao mundo exterior – um entendimento que as ovelhas recebem, porem que as cabras não recebem. Eu apelo a qualquer de vocês que durante a semana ocupam uma posição oficial: um juiz, por exemplo. Você tem um assento no tribunal e não está revestido de uma insignificante dignidade quando está aí. Quando chega em casa, você tem um pequenino que tem muito pouco medo de sua investidura de juiz, ainda que tem muito amor por sua pessoa, e que sobe em seus joelhos, lhe beija na bochecha e lhe diz mil coisas que são adequadas e corretas porque saem dele, porem que você não toleraria na corte se proviessem de qualquer outro ser vivente. Essa parábola não necessita de interpretação.

Quando leio algumas das orações de Martinho Lutero, escandalizo-me, porem argumento comigo mesmo assim: “É certo que não posso falar com Deus da mesma maneira que Lutero, porem, talvez, Lutero sentiu e compreendeu sua adoção mais do que eu o faço, portanto, não era menos humilde porque fosse mais arrojado. Poderia ser que usou expressões que estavam fora de lugar na boca de qualquer homem que não tivesse conhecido ao Senhor como ele o fez.”

Ó, meu amigo, cante nesse dia de nosso Senhor Jesus Cristo, como de alguém próximo a nós. Acerque-se a Cristo, leia Suas feridas, mete a mão em Seu lado, e coloque seu dedo no sinal dos cravos, e logo seu canto adquirirá uma sagrada doçura e uma melodia que não se pode conseguir em nenhuma outra parte.

Devo concluir observando que ainda que seu cântico era tudo isso, no entanto, *quão humilde foi*, em verdade, e que repleto de gratidão. Os papistas a chamar: “Mãe de Deus”, porem ela não sussurra jamais tal coisa em seu cântico. Não, melhor, ela diz: “Deus *meu Salvador*” – justo as

mesmas palavras que o pecador que as fala poderia usar, e tais expressões como as que vocês, pecadores, que estão escutando-me, poderiam usar também. Maria necessita de um Salvador – sente que o necessita e sua alma se alegra porque há um Salvador para ela. Ela não fala como se pudesse se recomendar diante Dele, mas que espera ser aceita no amado. Procuremos, então, que nossa familiaridade esteja mesclada sempre com a prostração mais humilde de espírito, quando lembramos que Ele é Deus sobre tudo, bendito para sempre, e nós somos nada senão pó e cinzas. Ele enche todas as coisas, e nós somos menos que nada e vaidade.

III. O último deveria ser a pergunta: DEVE CANTAR SOZINHA? Sim, deve fazê-lo, se a única musica que podemos trazer é a dos deleites carnis e dos prazeres mundanos. Haverá muita musica amanhã que não encaixaria com a sua. Haverá muito júbilo amanhã, e muita risada, mas temo que a maior parte disso não iria de acordo com o cântico de Maria. Não será: “*Engrandece minha alma ao Senhor; e meu espírito se alegra em Deus meu Salvador*”. Não desejaríamos impedir as brincadeiras dos espíritos animais nos jovens nem nos velhos – não moderaríamos no mais mínimo seu júbilo das misericórdias de Deus, entanto que não quebrantem seu mandamento por conta do desenfreamento, da bebedeira ou o excesso; porem, ainda assim, quando praticaram a maior parte desse exercício corporal, de pouca se aproveita, pois é só o desfrute da hora passageira e não a felicidade do espírito que é permanente – e, portanto, Maria deve cantar sozinha no que concerne a vocês. A alegria da mesa é demasiadamente baixa para Maria; o gozo da festa e da família é rasteiro comparado com o seu.

Porem, Maria deve cantar sozinha? Certamente não, se nesse dia qualquer de nós, pela simples confiança em Jesus, pudesse receber a Cristo para ser seu. O Espírito Santo lhe conduz a dizer nesse dia: “*Confio minha alma a Jesus?*”

Meu querido amigo, então você concebeu a Cristo – no melhor sentido e no sentido místico da palavra, Cristo Jesus é concebido em sua alma. O compreende como o que carregou o pecado e quitou a transgressão? Pode ver a Jesus sangrando como o Substituto dos homens? O aceita como tal? Coloca toda sua fé na dependência no que Ele fez, no que é e no que faz? Então, Cristo é concebido em você, e pode prosseguir seu caminho com toda essa alegria que Maria conheceu – e eu estava quase pronto a dizer com algo mais – pois a concepção natural do santo corpo do Salvador foi, como tema de congratulação, só a décima parte se lhe compara com a concepção espiritual do santo Jesus dentro de seu coração, quando Ele seja em você a esperança da glória.

Meu querido amigo, se Cristo é seu, não há cântico na terra tão sublime e tão santo para ser cantado – e mais, não há nenhum comovedor cântico procedente dos lábios dos anjos, nem nenhuma nota comovedora da língua do arcanjo, aos que você não pudesse unir-se. Mesmo nesse dia, o mais santo, o mais feliz, o mais glorioso das palavras, dos pensamentos e das emoções, lhe pertencem. Usá-los! Que Deus lhe ajude a desfrutar de tudo isso, e Dele seja o louvor e teu seja o consolo para sempre. Amém.

**

A Alegria Nascida em Belém

Nº 1026

Sermão pregado no Domingo, 24 de Dezembro de 1871

por Charles Haddon Spurgeon,

no Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.”
Lucas 2:10 -12

Não temos um respeito supersticioso pelos tempos e as estações. Certamente não cremos na presente disposição eclesiástica chamada Natal – primeiro, porque de nenhuma maneira cremos na Missa, mas a aborrecemos, seja ela falada ou cantada, em latim ou inglês. E em segundo lugar, porque não encontramos nenhuma base nas Escrituras para guardar algum dia como o dia do nascimento do Salvador.

Então, como não é por autoridade divina, sua observação é uma superstição. A superstição fixou da maneira mais concluinte o dia do nascimento de nosso Salvador, ainda que não exista a possibilidade de se descobrir quando realmente ocorreu. Fabrício nos fornece um catálogo de 136 diferentes opiniões de eruditos sobre o assunto. E diferentes teólogos inventam diversos argumentos de peso para advogar por uma data em cada mês do ano.

Não foi senão até meados do terceiro século que uma parte da igreja celebrou a natividade de nosso Senhor – e não foi senão muito tempo depois que a igreja do ocidente tinha dado o exemplo, que a igreja oriental adotou essa celebração. Posto que o dia é desconhecido, a superstição o determinou. Apesar de que o dia da morte de nosso Salvador poderia se determinar com muita certeza, a superstição move a data de sua observância a cada ano. Por acaso existe um método na loucura dos supersticiosos? Provavelmente os dias santos foram estabelecidos para se ajustarem aos festivais pagãos. Aventuramos-nos em afirmar que se existe algum dia do ano do qual podemos estar muito certos de que não foi o dia que o Salvador nasceu, é o dia 25 de dezembro.

No entanto, como a corrente dos pensamentos das pessoas já está direcionada por esse caminho e eu não vejo nenhum mal nessa corrente em si mesma, orientarei o barco de nosso sermão até essa correnteza e farei uso desse fato, que não irei justificar nem condenar, intentando assim conduzir os pensamentos de vocês na mesma direção.

Posto que é legítimo e digno de elogio meditar na encarnação do Senhor em qualquer dia do ano, não está no poder das superstições de outros homens converter tal meditação imprópria no dia de hoje. Então, sem importar a data, demos graças a Deus pelo dom de Seu Filho amado.

Em nosso texto temos diante de nós o sermão do primeiro evangelista sob a dispensação do Evangelho. Esse pregador era um anjo, e foi conveniente que assim fosse, pois o mais grandioso e último de todos os Evangelhos será proclamado por um anjo, quando se toque a trombeta da ressurreição e os filhos da regeneração levantem-se na plenitude de seu regozijo. A nota essencial desse Evangelho angelical é a alegria: *“Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria.”*

A natureza teme na presença de Deus – os pastores estavam tremendamente atemorizados. A própria Lei servia para aprofundar esse sentimento natural de desânimo – vendo que os homens eram pecadores, e que a Lei veio ao mundo para revelar o pecado, sua tendência era fazer com que os homens temessem e tremessem sob cada revelação divina. Os judeus criam unanimemente que, qualquer homem que contemplasse aparições sobrenaturais, certamente morreria, de tal forma que aquilo que a natureza ditava, a Lei e as crenças em geral daqueles que estavam sob a Lei também o estimulavam.

Porem, a primeira palavra do Evangelho terminou com tudo isso, porque o evangelista angelical disse: *“Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria.”* A partir desse momento não deve ser uma coisa terrível para o homem aproximar-se de seu Criador. O homem redimido não deve temer quando Deus corre o véu do esplendor de Sua majestade, pois Ele já não aparece como um juiz sobre Seu trono de terror, mas sim como um Pai confiável em sagrada familiaridade com Seus próprios filhos amados.

A alegria de que esse primeiro pregador falou não era insignificante, pois disse: *“vos trago novas”*; e isso em si era júbilo, e não somente boas novas de alegria, mas sim *“novas de grande alegria.”* Cada palavra é enfática, para mostrar que o Evangelho está dirigido, acima de todas as coisas, a promover e criar sobreabundantemente a maior alegria possível no coração humano onde ele é recebido.

O homem é como uma harpa que tem suas cordas desajustadas, e por isso a música das cordas vivas de sua alma é desafinada – toda sua natureza geme de dor. Porém, o Filho de Davi, esse poderoso harpista, veio restaurar a harmonia da humanidade, e aí mesmo onde Seus dedos graciosos se movem entre as cordas, o toque dos dedos de um Deus encarnado produz uma doce música, uma rica melodia como o cântico de um serafim. Queira Deus que todos os homens sintam essa mão divina.

Ao tentar abrir esse discurso angelical no dia de hoje, faremos um comentário sobre três coisas: a *alegria que é mencionada*, em seguida, *as pessoas para quem essa alegria são endereçadas*, e em terceiro, *o sinal dado*, o qual é para nós como foi para os pastores, um sinal do nascimento e fonte de regozijo.

I. Primeiro, então, consideraremos A ALEGRIA, que é mencionada em nosso texto: de onde procede, e o que é?

Já falamos que é uma “*grande alegria*” – boas novas de grande alegria – o gozo da terra é pequeno, seu júbilo é trivial, porém o céu nos enviou uma alegria imensurável, apropriada para mentes imortais. Já que não se acrescenta nenhuma nota sobre o tempo, e não há nenhuma indicação de que a mensagem será revogada alguma vez, podemos dizer que é uma alegria perdurável, um gozo que ressoará através das eras, cujos ecos se escutarão até que a trombeta traga a ressurreição. Sim, e posteriormente, para sempre.

Pois, quando Deus enviou o anjo em seu esplendor para anunciar, “*trago novas de grande alegria, que será para todo o povo*”, ele também disse: “Desde agora e para sempre haverá alegria para os filhos dos homens. Haverá paz para a raça humana, e boa vontade para os homens por sempre e para sempre, enquanto se dão glórias a Deus nas alturas”. Oh, bendito pensamento! A Estrela de Belém nunca se ocultará. Jesus, o mais formoso entre dez mil, o mais amável entre os belos, é uma alegria para sempre.

Posto que essa alegria está expressamente associada com a glória de Deus pelas palavras: “*Glórias a Deus nas alturas*”, podemos estar convencidos que é uma alegria pura e santa. Nenhuma outra alegria poderia ter sido proclamada por um anjo, e certamente, nenhuma outra alegria é alegria.

O vinho obtido das uvas de Sodoma pode borbulhar e ser espumoso, porém, no final é amargura, e seu sedimento é morte. Só o que provêm dos ramos de Escol é o verdadeiro vinho do reino, que faz feliz o coração de Deus e o

coração do homem. A alegria santa é a alegria do céu, e essa alegria, podem estar certos, é a verdadeira essência da alegria. A alegria do pecado é uma fonte de fogo, que tem sua origem no ardente solo do inferno, que enlouquece e consome àqueles que bebem de sua água ardente. De tais deleites não desejamos beber.

Ser feliz no pecado é pior que estar condenado, pois o princípio da graça faz com que uma pessoa sinta-se miserável no pecado, e a consumação da graça é ter escapado completamente do pecado, e estremecer-se só de pensar nele. É um inferno viver no pecado e na miséria, e é cair ainda mais baixo quando os homens podem desfrutar do gozo do pecado. Deus nos livre de uma paz impura e de uma alegria ímpia! A alegria anunciada pelo anjo da Natividade é muito pura, duradoura, santa e muito grande. Devemos crer sempre, no que concerne a religião cristã, que ela possui alegria em si mesma e que celebra suas festas dentro de seus próprios recintos puros, uma festa em que todos seus manjares delicados crescem em solo santo.

Há aqueles que amanhã pretenderão exibir alegria ao recordar o nascimento de nosso Salvador, porém não buscarão seu prazer no Salvador: precisarão de muitos acréscimos à festa antes que possam estar satisfeitos. A alegria em Emanuel seria um pobre tipo de alegria para eles. Nesse país, muito frequentemente, se não estivessem ciente do nome, alguém poderia certamente acreditar que o festival do Natal é uma festa de Baco ou de Ceres, não uma comemoração de um nascimento Divino.

No entanto, há razão suficiente para o santo gozo no Senhor mesmo, e razões suficientes para o êxtase em Seu nascimento entre os homens. É de temer que a maior parte dos homens imagine que em Cristo só existe seriedade e solenidade, e conseqüentemente, fadiga, tristeza e descontentamento. Por conseguinte, buscam mais do que Cristo permite: tomam manjares das mesas de Satanás, com os quais adornam o banquete que se tem em honra de um Salvador. Que não seja assim entre vocês. A alegria que o Evangelho proporciona não é emprestada, antes, floresce em seu próprio jardim. Podemos dizer em verdade, com a linguagem de um de nossos mais doces hinos:

***“Não preciso sair em busca de gozo,
Tenho uma festa em casa;
Meus suspiros agora são canções,
Meu coração já não anda errante.
Vindo de cima, a Pomba Bendita
Veio a meu peito,***

***Para testemunhar Seu eterno amor,
E dar descanso a meu espírito.”***

Que nossa alegria seja água viva proveniente daquelas fontes sagradas que o Senhor mesmo escavou. Que Sua alegria habite em nós, para que ela seja plena. Da alegria de Cristo não podemos possuir em excesso. Não temamos exagerar quando Seu amor é o vinho que bebemos. Ó, estar submerso nessa corrente pura de deleites espirituais! Porém, por que a vinda de Cristo a esse mundo é ocasião de alegria? A resposta é: primeiro, porque é para sempre um feito alegre que Deus esteja em aliança com o homem, especialmente quando a aliança é tão próxima que Deus toma verdadeiramente nossa humanidade em união com Sua Divindade – de tal maneira que Deus e o homem constituem uma divina e misteriosa pessoa.

O pecado tinha separado o homem de Deus. Mas a encarnação coloca uma ponte nessa separação: é um prelúdio do sacrifício de expiação, um prelúdio repleto da mais rica esperança. Daqui a adiante, quando Deus olha ao homem, Ele lembra que Seu próprio Filho é um homem. A partir desse dia, quando ele observa ao pecador, se Sua ira arde, Ele lembrará que Seu próprio Filho, como homem, se pôs no lugar do pecador, e levou a condenação do pecador. Como no caso de uma guerra em que a contenda termina quando as partes opostas chegam a um acordo, assim já não há mais guerra entre Deus e o homem, porque Deus tomou o homem em íntima união com Ele mesmo. Aqui, então, houve uma causa de alegria.

Mas houve algo mais do que isso, porque os pastores estavam conscientes que existiram desde outrora promessas que tinha sido a esperança e o consolo dos crentes de todos os tempos, e essas promessas iriam ser cumpridas agora. Existia essa antiga promessa feita no umbral do Éden aos primeiros pecadores de nossa raça: *que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente*. Houve outra promessa, feita ao pai dos fiéis, que em *sua semente seriam benditas todas as famílias da terra*; e muitas promessas proferidas das bocas dos profetas e dos santos desde que o mundo teve início.

Agora, o anúncio do anjo do Senhor aos pastores foi uma declaração de que o pacto tinha sido cumprido, e que agora na plenitude do tempo Deus vindicaria Sua Palavra, e o Messias, que iria ser a glória de Israel e a esperança do mundo, agora tinha realmente chegado.

Alegrem-se céus, e alegre-se, ó terra, pois o Senhor o tem feito, e em misericórdia Ele visitou Seu povo. O Senhor não permitiu que Sua palavra falhasse, mas sim cumpriu Suas promessas a Seu povo. O tempo para

favorecer a Sião, sim, o tempo fixado, chegou! Agora que o cetro se apartou de Judá, observe que vem Siló, o Mensageiro do pacto subitamente aparece em Seu templo!

Mas o cântico do anjo tinha, em si, uma razão mais plena para o júbilo. Pois nosso Senhor, que tinha nascido em Belém, veio como *um Salvador*. “*Porque vos há nascido hoje um Salvador.*” Deus tinha vindo à terra antes, porem não como um Salvador. Recordem essa terrível vinda quando três anjos foram para Sodoma ao anoitecer, pois o Senhor disse: “*Descerei agora e verei se fizeram em tudo conforme a seu clamor, o qual chegou até mim.*”

Ele tinha vindo como um espia para ser testemunha do pecado humano, e como um vingador para levantar Sua mão ao céu e ordenar que o fogo acesso descesse e queimasse as cidades malditas da planície. Horror para o mundo quando Deus desce assim! Se o Sinai fumega quando a Lei é proclamada, a terra mesma se derreterá quando as violações contra a Lei sejam castigadas. Porem, agora Ele veio, não como um anjo de vingança, mas sim como um homem pleno de misericórdia. Não para espiar nosso pecado, mas sim para tirá-lo. Não para castigar nossa culpa, mas sim para perdoá-la.

O Senhor poderia ter vindo com raios em ambas as mãos. Poderia ter vindo como Elias para trazer fogo do céu. Mas não, Suas mãos estão cheias de dons de amor, e Sua presença é a garantia da graça.

O bebê nascido na manjedoura poderia ter sido outro profeta de lágrimas, ou outro filho do trovão, porem, Ele não foi assim – Ele veio em mansidão, Sua glória e Seu trovão, deixou-os de lado:

***“Era a misericórdia a que enchia o trono,
E a ira permaneceu silenciosa de um lado,
Quando Cristo veio em Sua bondosa missão
De morrer pelos pecadores sentenciados.”***

Alegrem-se vocês que se sentem perdidos. O Salvador de vocês vem buscá-los e salvá-los. Tenham bom ânimo, vocês que estão em prisão, porque Ele veio colocá-los em liberdade. Vocês que sofrem de fome e estão a ponto de morrer, alegrem-se porque Ele consagrou uma Belém para vocês, uma *Casa de Pão*, e Ele veio para ser o pão de vida para suas almas. Alegrem-se, ó pecadores, em todas as partes, porque nasceu o Restaurador dos perdidos, o Salvador dos caídos! Unam-se a alegria dos santos, porque ele é o

preservador dos salvos, livrando-os de inumeráveis perigos, e Ele é o seguro aperfeiçoador daqueles que preserva.

Jesus não é um Salvador parcial, que começa uma obra e não a acaba – não, mas restaurando e sustentando, Ele também aperfeiçoa e apresenta os salvos sem mancha, ruga, nem coisa alguma parecida diante do trono de Seu Pai. Regozijem em alta voz todos os povos, que as colinas e os vales ressoem com gozo, porque um Salvador que é poderoso para salvar nasceu dentre vocês.

E isso não foi todo a alegria santa, pois a seguinte palavra também tem uma plenitude de gozo, “*um Salvador, que é Cristo*” ou, o Ungido. Nosso Senhor não era um Salvador entusiasta que desceu do céu em uma missão que não tinha sido autorizada. Antes, Ele foi escolhido, ordenado e ungido por Deus. Ele podia dizer verdadeiramente, “*O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque o Senhor me há ungido.*” Aqui existe grande consolo para todos que necessitam de um Salvador. Para eles não é um insignificante consolo que Deus mesmo tenha autorizado a Cristo para salvar os necessitados. Não pode haver temor de uma cisão entre o mediador e o juiz – não há perigo da falta de aceitação da obra de nosso Salvador. Deus comissionou a Cristo para fazer o que Ele fez, e, ao salvar pecadores, Ele tão somente está executando a própria vontade de Seu Pai.

Cristo aqui é chamado “*Ungido.*” Todo Seu povo é ungido, e houve sacerdotes segundo a ordem de Arão que foram ungidos, porem, Ele é o Ungido por excelência, “*ungido com óleo de alegria mais que a seus companheiros.*” Tão abundantemente ungido que, como a unção na cabeça de Arão, a sagrada unção da Cabeça da Igreja desce em copiosas torrentes, até que nós, que somos como as abas de suas vestes, somos perfumados com o rico perfume. Ele é “*o Ungido*” em um triplo sentido: como Profeta, para pregar o Evangelho com poder; como Sacerdote, para oferecer sacrifício, e como Rei, para reinar e governar. E em cada um desses ofícios Ele é preeminente. Ele é tal Mestre, Sacerdote e Governante como jamais se viu antes. Nele houve uma rara conjunção desses gloriosos ofícios, porque jamais entre os filhos dos homens se havia juntado o ofício de profeta, sacerdote e rei em uma só pessoa, e nem acontecerá novamente.

Tripla é a unção Dele, que é: um Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, um Profeta como Moisés e um Rei cujo domínio não tem fim. Em nome de Cristo, o Espírito Santo é glorificado ao ser visto quando unge ao Deus encarnado. Em verdade, amados irmãos, se tão somente entendêssemos isso e o recebêssemos em nossos corações, nossas almas

dariam saltos de alegria nesse domingo ao pensar que nasceu entre nós um Salvador, que é o Ungido do Senhor.

Toquemos bem e ouçamos bem uma nota mais, que é a mais sonora: “*Que é Cristo, o Senhor*”. Agora, a palavra ‘Senhor’, o *Kurios*, que é usada aqui, é equivalente a Jeová. Não podemos duvidar disso, porque é a mesma palavra usada duas vezes no versículo nove, e nesse versículo ninguém pode questionar que quer dizer ‘Jeová’.

Ouçam-lhe, “*E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de esplendor.*” E, se isso não é suficiente, leiam o versículo vinte e três “*Segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo o macho primogênito será consagrado ao Senhor.*” Agora, a palavra *Senhor*, aqui certamente se refere a Jeová, o único Deus. Nosso Salvador é Cristo, Deus, Jeová. Nenhum testemunho de Sua divindade poderia ser mais claro; é indisputável. E que alegria há nisso, pois suponhamos que um anjo tivesse sido nosso Salvador. Ele não teria sido capaz de suportar a carga de meus pecados nem os de vocês. Ou se algo menos que Deus tivesse se estabelecido como a base de nossa salvação, teria mostrado-se um fundamento muitíssimo frágil.

Mas se O que se encarrega de nos salvar não é outro senão o Infinito e o Todo Poderoso, então a carga de nossa culpa pode ser levada sobre esses ombros. A tremenda tarefa de nossa salvação pode ser lograda por esse Obreiro, e com muita facilidade, pois todas as coisas são possíveis para Deus, e Ele é capaz de salvar totalmente àqueles que se chegam a Deus por meio Dele. Filhos dos homens, percebam aqui o tema de sua alegria. O Deus que os criou, e a Quem ofenderam, desceu do Céu e tomou sobre Si a natureza de vocês para poder salvá-los!

Ele veio na plenitude de Sua glória e no infinito de Sua misericórdia para redimi-los. Vocês não dão boas vindas a essa notícia? Como seus corações não estarão agradecidos por isso? Por acaso esse amor incomparável não desperta gratidão?

Se não fosse por esse divino Salvador, a vida de vocês aqui teria sido infelicidade, e a existência futura de vocês uma aflição sem fim. Ó, eu rogo que vocês adorem ao Deus encarnado, e confiem Nele. Então, bendirão ao Senhor por livrá-los da ira vindoura, e na medida em que se apegam a Jesus, e encontram a salvação em Seu nome, entoarão canções para Seu louvor, e se alegrarão com a alegria sagrada. Aqui concluo o concernente a essa alegria.

II. Prestem atenção enquanto falo brevemente do POVO a quem vem essa alegria. Observem como o anjo começa, *“eis aqui, vos trago novas de grande alegria ... porque hoje vos nasceu.”* Assim, então, a alegria começou com os primeiros que a ouviram, os pastores. *“Vos”* o anjo diz, *“porque vos nasceu.”* Amado ouvinte, essa alegria começará hoje contigo? De pouco benefício será que Cristo tenha nascido, ou que Cristo tenha morrido, a menos que para você tenha nascido um menino, e que por você tenha derramado Seu sangue. Um interesse pessoal é o ponto principal. *“Mas eu sou pobre”*, alguém diz. Os pastores também o eram. Ó, vocês os pobres, por vocês esse misterioso menino nasceu.

“Aos pobres é anunciado o evangelho” (Mateus 11:5) *“Julgará os aflitos do povo, salvará os filhos do necessitado, e quebrantará o opressor.”* (Salmo 72:4) Mas alguém diz: *“sou insignificante e desconhecido.”* Os homens vigilantes na vastidão da meia-noite também o eram. Quem conhecia aos homens que suportavam um trabalho fatigante e guardavam seus rebanhos pelas madrugadas? Porem vocês, desconhecidos dos homens, são conhecidos por Deus, não se dirão que *“vos nasceu um menino”*?

O Senhor não toma em conta a grandeza dos homens, porem sim têm respeito pelos humildes. *“Mas somos analfabetos,”* vocês dizem, e não podem entender muito. Ainda que assim o seja, Cristo nasceu para os pastores, e sua simplicidade não lhes impediu que o recebessem, antes, ainda mais lhes ajudou. Que assim seja contigo: receba alegremente a sincera verdade que está em Jesus. O Senhor exaltou a Um escolhido do povo. Não é um Cristo aristocrático aquele quem eu tenho que pregar a vocês, mas sim o Salvador do povo, amigo de publicanos e pecadores.

Jesus é o verdadeiro *“amigo dos pobres”*. Ele foi posto *“por pacto ao povo”*, dado para ser *“por chefe e por mestre às nações”*. A vocês lhes foi dado Jesus. Ó, que cada coração pudesse em verdade dizer: *“para mim, nasceu Jesus”*. Pois se verdadeiramente creio em Jesus, para mim nasceu Cristo, e posso estar tão seguro disso como se um anjo o tivesse anunciado, pois a Escritura me diz que, se eu creio em Jesus, Ele é meu.

Depois que o anjo disse *“vos trago”*, continuou dizendo⁷, *“que serão para todos os povos”* Porem, nossa tradução aqui não é precisa. O grego diz *“que serão para todo o povo”*⁸ Isso se refere com certeza a toda a nação

⁷ Segundo a versão King James Version (a que Spurgeon se refere que era usada por todos os ingleses ainda em 1871, antes da revisão de 1881: porem não achamos essa trecho como Spurgeon descreve) N.T

⁸ Essa é a versão que é usada pela maioria das versões, e hoje em dia até mesmo pela King James Version (n.T)

judia – não há dúvidas a respeito disso. Se alguém for ao original não encontrará uma versão tão ampla e compreensiva como a que nos é dada pelos tradutores. Deve-se traduzir “*para todo o povo*”. Por quanto tempo e que pecaminosamente a Igreja cristã desprezou a mais honorável entre todas as nações! Que barbaramente Israel foi tratado pela assim chamada igreja! Senti que meu espírito fervia de indignação em Roma⁹ quando estive no bairro judeu e escutei as cruéis indignidades que os Papas amontoaram sobre os judeus, mesmo em tempos recentes. Em nossa época ainda há uma igreja que está construída de frente da entrada do bairro judeu, e ali os infelizes judeus eram forçados a entrar em certas ocasiões. Nessa igreja eram obrigados a se afiliarem, notem bem, afiliarem-se, esses que adoram ao Único Deus invisível, para apoiar um sistema que está tão leproso de idolatria como os cananeus que aborreciam ao Senhor estavam outrora.

O paganismo não é mais degradante que o catolicismo romano. Na porta dessa igreja estão colocadas, em sua própria língua, em hebreu, essas palavras: “*Todo o dia estendi minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.*” Como, por meio de tal insulto, eles podem esperar converter os judeus? O judeu observou por todos os lados ídolos que sua alma aborrecia, e destetava o nome de Cristo, porque o associava com a adoração aos ídolos, e não me surpreende que assim o tenha feito. Louvo ao judeu que não podia renunciar a seu próprio teísmo simplório, nem a adoração ao verdadeiro Deus, por uma superstição tão baixa e degradante como era a que Roma lhe apresentava.

Em vez de pensar que é uma maravilha de incredulidade que o judeu não seja cristão, o honro por sua fé e sua brava resistência a um paganismo fascinante. Se o catolicismo romano é cristianismo, eu não sou, nem poderia ser, um cristão. Seria algo mais valente ser um simples crente em um único Deus, ou ainda ser alguém que duvida honestamente de todas as religiões, do que adorar tamanha multidão de deuses e deusas que os Papas estabeleceram, e inclinar-me como essa igreja o faz, diante de seus ossos podres e sudários antigos.

Que a verdadeira igreja cristã pense com amor no judeu, e com enérgico respeito lhe fale o verdadeiro Evangelho. Que barrem a superstição, e coloquem diante dele o único Deus misericordioso na Trindade de Sua divina Unidade. E o dia virá quando os Judeus, que foram os primeiros apóstolos para os gentios, os primeiros missionários que foram ao longe,

⁹ Spurgeon esteve em Roma em 1864 e em outras ocasiões posteriores, em férias

serão reunidos de novo. Entanto que isso não suceda, a plenitude da glória da igreja nunca poderá dar-se.

Incomparáveis benefícios para o mundo estão unidos com a restauração de Israel. Sua reunião será como vida saída da morte. Jesus o Salvador é a alegria de todas as nações, mas que não se negue à raça escolhida sua porção peculiar de qualquer promessa que a Sagrada Escritura registrou com uma consideração especial para ela. Os infortúnios que seus pecados lhes trouxeram caíram dura e espessamente sobre eles. Porém ainda assim que as bênçãos mais abundantes se destilem sobre eles.

Ainda que nossa tradução não seja correta literalmente, no entanto ela expressa uma grande verdade, que é ensinada claramente no contexto. Por consequência, daremos mais um passo. A vinda de Cristo é uma alegria para todos os povos. E assim é, pois o versículo quatorze diz, “*E na terra paz*”, a qual é uma expressão ampla e até ilimitada. E acrescenta, “*paz entre os...*” – não diz judeus, mas sim – “*...homens*”, todos os homens. A palavra é o nome genérico da raça inteira, e não há dúvida que a vinda de Cristo traz alegria a todo tipos de pessoas.

Traz uma medida de gozo até mesmo para aqueles que não são cristãos. Cristo não os abençoa no sentido mais elevado e verdadeiro, mas a influência de Seu ensino reparte benefícios de um tipo inferior, tais como são capazes de receber. Porque onde quer que o Evangelho seja proclamado, não é pequena a benção para todo o povo. Observem esse fato, que não há país sob o sol onde uma Bíblia esteja aberta e um Evangelho pregado em que um tirano possa sustentar-se por longo tempo. Não importa quem seja ele, Papa ou rei. Que o púlpito seja adequadamente utilizado para pregação de Cristo crucificado, que a Bíblia seja aberta por todos os homens, e não haverá tirano que governe em paz por muito tempo.

A Inglaterra deve sua liberdade à Bíblia. A França nunca possuirá liberdade perdurável e bem estabelecida até que venha reverenciar o Evangelho, que durante muito tempo rejeitou¹⁰. Há alegria para toda humanidade, ali aonde Cristo vêm. A religião de Jesus faz com que os homens pensem, e fazer os homens pensarem é sempre perigoso para o poder de um déspota. A religião de Jesus liberta o homem da superstição. Quando ele crê em Jesus, o que lhe preocupa as excomunhões papais, ou se os sacerdotes dão o retém sua absolvição? Esse homem não se acovarda nem se dobra. Já não está disposto a ser conduzido pelo nariz como uma besta, mas sim que ao

¹⁰ Referência as agitações advindas do fim da Guerra Franco-Prussiana e da Comuna de Paris, eventos ocorridos em 1871 que eram reflexos do expansionismo de Napoleão III e de sua queda (N.T)

aprender a pensar por si mesmo e converter-se em homem, desdenha dos temores infantis que alguma vez o mantiveram em escravidão.

Consequente, aonde Jesus vem, ainda se os homens não o recebem como o Salvador, e com isso se perdem da alegria mais plena, no entanto, eles obtêm uma medida de benefício. E rogo a Deus que por todas as partes assim seja proclamado Seu Evangelho, e que muitos possam ser movidos pelo espírito desse Evangelho para que seja o melhor para humanidade. Se os homens recebem a Cristo já não haverá mais opressão; o verdadeiro cristão trata os outros como ele quisera que eles o tratassem, e já não há mais enfrentamentos de classes, nem o rosto dos pobres é triturado.

A escravidão deve cair onde o cristianismo governa, e notem, se alguma vez o catolicismo romano é destruído, e o cristianismo puro chega a governar todas as nações, a mesma guerra deveria chegar a um fim. Pois se existe algo que esse Livro denuncia e considera como o maior dos crimes, é o crime da guerra.

Guarda sua espada em sua bainha, pois Ele não disse: “*Não matarás*”? Ele não quis dizer que era pecado matar a um, mas que era glória matar um milhão – ele quis dizer que derramar sangue em escala mais pequena ou mais grande era pecado. Que Cristo governe, e os homens romperão o arco e farão pedaços das lanças, e queimarão os carros de combate no fogo. É alegria para todas as nações que Cristo é nascido, o Príncipe da Paz, o Rei que governa em Justiça. Porém, amados irmãos, que maior alegria é para os que conhecem a Cristo como um Salvador. Aqui o canto eleva-se a uma nota maior e mais sublime. Certamente nos nasceu a um Menino, se podemos dizer que Ele é nosso “*Salvador, que é CRISTO o Senhor.*”

Deixem-me fazer-lhes a cada um de vocês algumas quantas perguntas pessoais. Seus pecados foram perdoados por causa de Seu nome? A cabeça da serpente foi ferida na alma de vocês? A semente da mulher reina com poder santificador na natureza de vocês? Ó, então vocês possuem a alegria que é para todos em sua verdadeira forma, e queridos irmãos, quanto mais se submetam a Cristo o Senhor, e mais plenamente O conheçam e sejam semelhantes a Ele, a felicidade de vocês será mais plena.

Existe uma alegria superficial para os que vivem onde se prega o Salvador. Porém, as grandes profundidades, as grandes profundidades insondáveis de alegria solene que brilham e reluzem com deleite são para os que conhecem ao Salvador, obedecem ao Ungido e possuem comunhão com o próprio Senhor.

O homem mais alegre é o homem mais próximo de Cristo. Eu quisera que alguns cristãos fossem cristãos mais verdadeiros, pois são cristãos e algo mais. Seria muito melhor se fossem somente cristãos.

Talvez vocês conheçam a lenda, ou talvez a história autêntica, do despertar de Santo Agostinho. Ele sonhou um a vez que morria e ia às portas do céu, e o guardião da porta lhe perguntou: “quem és tu?” E ele respondeu: “*Christianus sum*”, quer dizer, “sou um cristão”. Porém, o porteiro replicou: “não, não és cristão, és um ciceroniano, porque teus pensamentos e estudos foram fundamentalmente dirigidos para os trabalhos de Cícero e os clássicos, e não atendestes ao ensino de Jesus. Aqui julgamos os homens por aquilo que mais absorveu seus pensamentos, e és julgado como não sendo um cristão, mas sim um ciceroniano.”

Quando Agostinho despertou, deixou de lado os clássicos que tinha estudado e a eloquência que o inspirava, e disse: “serei um cristão e um teólogo.” E desse momento em diante dedicou seus pensamentos à Palavra de Deus, e sua pluma e língua à instrução de outros na verdade.

Ó, eu não desejaria que fosse dito de alguns de vocês: “bem, pode ser mais ou menos um cristão, porém, é muito mais um comerciante dedicado a fazer dinheiro.” Não desejaria que fosse comentado de alguns de vocês: “bem, talvez seja um cristão, porém é muito melhor político.” Ou: “Talvez seja um cristão, porém se sente mais confortável quando fala de ciência, agricultura, engenharia, cavalos, mineração, navegação, ou viagens, etc.”

Não, não, jamais conhecerão a plenitude da alegria que Jesus traz para a alma, a menos que sob o poder do Espírito Santo, vocês tomem ao Senhor como seu Todo em todo, e façam Dele a fonte de seu deleite mais intenso. “Ele é *meu* Salvador, *meu* Cristo, *meu* Senhor.” Que seja isso de que mais se gloriem. Então conhecerão a alegria que o cântico do anjo predisse aos homens.

III. Devo seguir adiante. O último no texto a citar é O SINAL. Os pastores não pediram um sinal, mas lhes foi dado gratuitamente um. Algumas vezes é pecaminoso que solicitemos como evidência o que a ternura de Deus considera dar como uma ajuda para a fé. A incredulidade obstinada não receberá sinal, mas a fé frágil terá ajuda compassiva.

O sinal de que a alegria do mundo tinha chegado foi esse: deveriam ir ao presépio para achar ao Cristo nele, e Ele ia ser o sinal. Cada circunstância é instrutiva. O bebê foi achado “*envolto em panos.*” Agora observem, ao olhar esse infante, que aqui não existe a mais remota aparência de poder

temporal. Observem os débeis bracinhos de um bebê que deve ser carregado.

Ai, as nações da terra buscam a alegria no poder militar.¹¹ ‘Por quais meios podemos fazer uma nação de soldados?’ O método Prussiano é admirável¹². ‘Devemos ter milhares e milhares de homens armados e grandes canhões e tanques encouraçados para matar e destruir’. Acaso não é o orgulho de uma nação ser gigante em armas?

Que orgulho cora as faces do patriota quando esse lembra que sua nação pode assassinar mais rápido que qualquer outra! À, insensata geração, estão buscando e apalpando nas chamas do inferno para achar seu céu, ciscando entre sangue e ossos buscando essa coisa imunda que vocês chamam glória.

O gozo de uma nação jamais pode descansar na desgraça de outros. O assassinato não é o caminho da prosperidade, os imensos armamentos são uma maldição para própria nação, assim como para seus vizinhos. A alegria de uma nação é uma arena dourada na qual jamais tenha sido empapada por um riacho de sangue. Só encontra-se essa alegria no rio cujas correntes alegram a cidade de Deus. A debilidade da ternura submissa é poder verdadeiro.

Jesus funda Seu império eterno não na força, mas sim no amor. Aqui, todos vocês, vejam sua esperança. O aprazível Príncipe pacífico, cuja glória é Seu próprio sacrifício, é nosso verdadeiro benfeitor. Porém, olhem novamente, e não observarão nenhuma pompa que os deslumbre. Por acaso o menino está envolto em púrpura e linho fino? Não! Dorme em um berço de ouro? Ó, somente a estalagem é Seu refúgio. O bebê não possui uma coroa em Sua cabeça, nem uma diadema rodeia a testa da mãe. Uma simples jovem de Galiléia, e um menino pequeno envolto em panos ordinários, é tudo o que vocês enxergam:

***“Não te proteges em cortesão teto,
Nem no ensolarado salão do poder,
Passa rápido ante Babel, e busca a terra sagrada***

¹¹ Deve-se notar que os anos de 1870-1871 foram anos de grande guerra e destruição por conta dos conflitos entre a França e a Prússia, que arrasaram com grande parte do continente Europeu e suscitaram grandes revoltas que refletiram até a 1º Guerra Mundial (N.T)

¹² Método Prussiano: Spurgeon faz referência as táticas de Guerra e exército do Reino da Prússia, nação alemã que venceu a guerra Franco-Prussiana de 1870-1871, que impressionaram o mundo nessa época ao derrotar o exército Francês, depor Napoleão III e unir os bobos alemães no II Reich Alemão (N.T)

*Das roupas púrpuras de Tiro
Aparta teus olhos sem que se deslumbrem , e volte-os
Ao prado de Belém, e permanece junto à manjedoura.”*

Ai, as nações são deslumbradas por um espetáculo vão. A pompa dos impérios, os desfiles dos reis, são seu deleite. Como podem admirar essas ostentosas cortes nas que muito frequentemente as gloriosas vestes, as decorações e os graus sociais substituem à virtude, à castidade e a verdade de Deus? Quando as pessoas deixarão de serem tão infantis?

Desejarão sempre ardentemente essa música marcial que estimula a violência, e se deleitarão em gastos cheios de desperdícios que os sobrecarregam de impostos? Essas coisas não fazem uma nação grande ou feliz. À, como se rasgou o bolha naquele estreito mar! Um império borbulhoso entrou em colapso. Dez mil baionetas e milhões em ouro resultaram ser uma fundação de areia para um trono de Babel. Vãos são os homens que buscam alegria na pompa. A alegria se encontra na verdade e na justiça, na paz e na salvação, de tudo o qual àquele recém-nascido, Príncipe em roupas de um menino campesino, é o símbolo verdadeiro.

Tampouco poderiam ser vistas riquezas em Belém. Aqui nessa quieta ilha Britânica, as massas buscam confortavelmente seus milhares de libras por meio do comércio e das fábricas. Somos pessoas sensatas que seguimos a maior oportunidade e não nos deixamos enganar por ideias de glória. Estamos fazendo todo o dinheiro que podemos, e nos maravilhamos que outras nações desperdicem tanto na guerra. O principal pilar e motivação da alegria da Inglaterra se deve achar, como alguns nos dizem, nas porcentagens do rendimento, na posse de colônias¹³, no desenvolvimento do maquinário e no incrementar regularmente nosso capital¹⁴.

Mamóm não é uma deidade sorridente? Porem aqui, no berço da esperança do mundo em Belém, vejo muito mais pobreza do que riqueza. Não percebo os brilhos do ouro, nem os brilhantes adornos de prata. Só percebo a um bebê pobre, tão pobre, verdadeiramente tão pobre, que ele foi colocado em uma manjedoura. E sua mãe é a esposa de um trabalhador, uma mulher que não usa nem seda nem jóias. Não seja em seu ouro, ó ingleses, onde jamais descansem sua alegria, mas sim no Evangelho

¹³ O Império Britânico estava em seu auge, por essa época foi considerado “o Império onde o Sol sempre brilhava” (N.T)

¹⁴ A Inglaterra vivia o auge da Segunda Revolução Industrial (N.T)

desfrutado em todas as classes. O Evangelho pregado gratuitamente e recebido com gozo. Jesus, ao elevar-nos à riqueza espiritual, nos redime das cadeias de Mamóm, e nessa liberdade nos dá alegria.

Aqui tampouco vejo superstição. Sei que o artista pinta anjos nos céus, e rodeia a cena com uma luz misteriosa, da qual a tradição de falsidade tem dito que a meia-noite foi tão brilhante como o meio-dia. Isso é meramente uma ficção. Não houve ali nada mais do que um estábulo, a palha que o boi ruminava, e talvez as próprias bestas, juntos ao menino envolto como qualquer outro nenê, da maneira mais simples e sincera. Os querubins eram invisíveis e não havia aureolas. Ao redor desse nascimento de alegria não houve sinal de superstição: esse demônio não se atreveu a introduzir seus truques nem fingimentos nesse sublime espetáculo. Ele teria estado ali tão fora de lugar e deslocado como um palhaço dentro do Santo dos Santos.

Um Evangelho sincero, um Evangelho claro, tão claro como esse menino coberto nas roupinhas e panos mais comuns, é nesse nosso dia a única esperança dos homens. Sejam sábios e creiam em Jesus, e aborreçam todas as mentiras de Roma e as invenções daqueles que imitam suas abominações detestáveis.

Tampouco o gozo do mundo descansa na filosofia. Não poderiam ter feito de Belém um enigma de homens doutos ainda que tivessem tentado. Só tratava-se de um menino na manjedoura e de uma mulher judia cuidando e alimentando ele, mais um carpinteiro junto dela. Não havia ali nenhuma dificuldade metafísica, da que os homens poderiam dizer: “é necessário um doutor em teologia para explicá-lo, e uma assembleia de teólogos para expô-la.”

É verdade que os magos chegaram lá, mas somente para adorá-lo e oferecer presentes – ó, que todos os homens sábios fossem tão sábios como eles. Ai, a sutileza humana disputou sobre a manjedoura, e a lógica obscureceu o conselho de suas palavras. Porém essa é uma das muitas invenções do homem, a obra de Deus foi sublimemente simples. Aqui é “*o Verbo que foi feito carne,*” para habitar entre nós, um mistério para a fé, porém não um tema de debate. Um tema misterioso, e, no entanto, a maior simplicidade jamais falada aos ouvidos humanos, e vista por olhos mortais. E assim é o Evangelho, que quando o Apóstolo pregava dizia “*usamos de muita franqueza.*”

Marchem longe, longe, longe com seus sermões eruditos, e sua fina conversação, e suas pretensiosas filosofias. Essas jamais criaram nem um ápice de alegria nesse mundo. As teorias finamente tecidas são agradáveis

para serem contempladas e para confundir aos insensatos, porem não são de utilidade para os homens práticos. Não consolam aos filhos do trabalho fatigante, nem alegram as filhas da dor. O homem de sentido comum que sente a rotina e o desgaste diário desse pobre mundo, necessita de um consolo mais rico do que as novas teologias, ou neologias, podem dar-lhe.

Em um Cristo simples, e em uma fé simples nesse Cristo, há uma paz profunda e duradoura. Em um sincero Evangelho para o homem pobre, há uma alegria e uma felicidade inexpressáveis, da que milhares de pessoas podem falar, e falar com confiança, também, porque declaram o que certamente sabem, e testificam o que viram.

Eu lhes digo então a vocês, que quiserem conhecer a única paz verdadeira e a alegria perdurável, venham ao bebê de Belém, em dias posteriores o Varão de Dores, o Sacrifício substitutivo para os pecadores. Venham, vocês meninos, garotos e garotas, venham. Pois Ele também foi um garotinho. “O Santo menino Jesus” é o Salvador dos meninos, e ainda diz: “*Deixai vir a mim os meninos e não os impeçais.*” Venham aqui, mocinhas, vocês que, todavia, estão na alvorada de sua beleza e, como Maria, alegrem-se em Deus seu Salvador. A virgem O carregou em seu colo – assim venham também e O carreguem em seus corações, dizendo “*Porque um menino nos nasceu, filho nos foi dado.*”

E vocês, vocês homens na plenitude de seu vigor, recordem como José cuidou Dele, e vigiou com solicitude reverente seus ternos anos. Sejam vocês para Sua causa como pais e protetores. Santifiquem o vigor de vocês para Seu serviço. E vocês, mulheres, avançadas em anos, vocês matronas e viúvas, venham como Ana e bendigam ao Senhor porque viram a salvação de Israel. E vocês que levam cabelos brancos, que como Simeão estão prontos para partir, venham e tomem ao Salvador em seus braços, adorando-o como o Salvador de vocês e o tudo de vocês. Vocês pastores, de coração sincero, que trabalham duro pelo pão diário, venham e adorem ao Salvador. E não se deixem para trás vocês, os sábios, que sabem por experiência e os que pela meditação contemplam a verdade profunda, venham e como os magos do Oriente, inclinem-se profundamente diante de Sua presença, e façam que sua honra consista em render honra a Cristo o Senhor.

No que me diz respeito, o Deus encarnado é toda minha esperança e minha confiança. Vi a religião do mundo lá onde está seu manancial, e meu coração adoentou-se dentre de mim. Regresso a pregar, com a ajuda de Deus, ainda mais seriamente o Evangelho, o Evangelho sincero do Filho do Homem. Jesus, Senhor, Te tomo para que sejas meu para sempre! Que

todos nessa casa, por meio da rica graça de Deus, sejam conduzidos a fazer o mesmo, e que todos eles sejam Teu, grandioso Filho de Deus, no dia de Tua vinda, por causa de Teu amor. Amém